

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Mariana Aragão Feitosa de Sousa**

**O Feminino na Clínica Psicodramática:  
reflexões a partir de um estudo de caso**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE FORMAÇÃO EM PSICODRAMA -  
CONVÊNIO SOPSP/PUCSP**

**SÃO PAULO**

**2016**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP**

**Mariana Aragão Feitosa de Sousa**

**O Feminino na Clínica Psicodramática:  
reflexões a partir de um estudo de caso**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de ESPECIALISTA em Psicodrama, sob orientação do Prof. Pedro Mascarenhas

SÃO PAULO

2016

**Mariana Aragão Feitosa de Sousa**

**O Feminino na Clínica Psicodramática:  
reflexões a partir de um estudo de caso**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Formação em Psicodrama –  
convênio SOPSP/PUCSP.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2016.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Cida Davoli - GETEP

---

Luís Russo – PUCSP/SOPSP

---

Pedro Mascarenhas – SOPSP / Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae

## AGRADECIMENTOS

A todas as mulheres que acompanho. Agradeço por crescermos juntas, especialmente a Aline.

A Pedro Mascarenhas, doulo-participante dessa escrita. Gratidão profunda por sua disponibilidade, paciência e sabedoria.

Aos colegas da formação em psicodrama, pela entrega.

As professoras e professores da formação em psicodrama, por serem tão singulares nos nossos encontros e por partilharem tanto de vocês.

A Cristine Massoni, pelo acolhimento do tamanho do mar.

A Ana, minha mãe, pelos nascimentos que já vivemos juntas.

A Severino, meu pai, por sua força e persistência.

Aos meus irmãos: Marília, Marta e Victor, pelo brincar.

A Aragão, pelo companheirismo e amor. Por aprendermos juntos as lições da união e do rompimento.

A Ingrid, por ser, nestes tempos, energia e doçura.

A Luciana, aos nossos voos e mergulhos.

A Maíra Lima, pela amizade e ensinamentos cotidianos.

A Heitor Loureiro, pela leitura cuidadosa e precisa.

A Cida Davoli e Luis Russo, por aceitarem conhecer essa escrita.

A Cida, mais uma vez, pelos nossos encontros, por partilhar sua inteligência e sensibilidade.

Aos colegas-amigos do CAPS AD III São Miguel, pela incrível vivência cotidiana, e tudo que isso implica.

Aos irmãos do Templo Caboclo Pena Verde e Mamãe Oxum, por serem força, amor e fé incomensuráveis. Pelo chão de pisar, a água de lavar e os abraços de acolher.

Aos Orixás, energias que me enchem de vida.

Odojá Yemanjá! Mar profundo dos afetos, das mortes e nascimentos, onde tanto mergulhei durante a escrita.

Okê arô Oxóssi! Flecha que me mostra os caminhos, força que expande o conhecimento, mata de mistérios a serem percorridos. Salve os caboclos!

## RESUMO

O objetivo inicial deste trabalho é tratar de um estudo de caso. Inicialmente não havia o interesse em um conceito específico do psicodrama, mas o desejo de que os pontos de vista teóricos se mostrassem e fossem mobilizados ao longo da escrita. O próprio texto trouxe, em seu movimento, diversas questões e são a essas que os conceitos ensejam reflexões: uma mulher que buscou psicoterapia por desejar separar-se do marido e desmamar o filho, uma mulher que desejava o próprio desmame de sua família de origem, atravessada por uma série de expectativas relativas ao ser mulher em seu contexto sociocultural. O psicodrama chega com a teoria da Matriz de Identidade e a Matriz começa ela mesma a ser questionada em suas nuances. O feminino passa a ser visto numa perspectiva ampliada a partir da clínica psicodramática.

Palavras-chave: Psicodrama, Feminino, Matriz de Identidade.

## ABSTRACT

This paper aims to analyzing a case study. Initially, no specific interest existed in the concept of Psychodrama, but the willingness to show and use theoretical point of views throughout the text. The text itself asked several questions for which the concepts give rise to answer: a woman who sought the Psychotherapy to get divorced from her husband and wean her child; a woman who wanted her own weaning from her family or origin, full of expectations concerning to being woman within her social context. Psychodrama comes along with the matrix of identity and this latter is challenged all its nuances. The feminine is seen in a broader perspective from the psychodramatic clinic.

Keywords: Psychodrama, Feminine, Matrix of Identity.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	8
APRESENTAÇÃO DO CASO .....	10
1.1 MULHER-ESPOSA .....	12
<b>1.1.1 Sessão “a moça que empurra”</b> .....	14
1.2 MULHER-FILHA, MULHER-MÃE .....	18
<b>1.2.1 Sessão “O peito é meu!”</b> .....	19
2. PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO E O VÍNCULO TERAPEUTA-PACIENTE ...	22
3. A MATRIZ DE IDENTIDADE NUMA PERSPECTIVA AMPLIADA.....	30
4. A MATRIZ DE IDENTIDADE, UMA ABORDAGEM TEÓRICA .....	32
4.1 MATRIZ DE IDENTIDADE SEGUNDO MORENO .....	32
4.2 A MATRIZ DE IDENTIDADE SEGUNDO FONSECA .....	33
4.3 SOBRE UMA MATRIZ CONTEXTUALIZADA.....	40
5 ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DA ESCRITA DO CASO .....	44
<b>5.1 DICOTOMIA INDIVÍDUO-SOCIEDADE</b> .....	44
<b>5.2 A QUESTÃO DO FEMININO: PONTO CEGO NA CLÍNICA     PSICODRAMÁTICA?</b> .....	46
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	53

## INTRODUÇÃO

Escrever sobre uma mulher em processo psicoterápico. Esse exercício que me parecia ser, inicialmente, simples, me trouxe um tanto de inquietação, daquelas que nos fazem paralisar, que impõe lentidão ao caminhar, pois não são fáceis de digerir. Escrever este texto fez com que eu mesma me movimentasse junto ao seu desenrolar, pois nos leva por caminhos que não são fáceis de trilhar.

Estamos em tempos de muitas reflexões acerca do “ser mulher”. Negra, branca, rica, pobre, com ou sem útero, com pênis, mãe ou não, empoderada e empoderante, carente, abusada, trabalhadeira, pudica, gostosa, sagrada, profana... os discursos se multiplicam, diversas linhas de feminismos e femininos vem se desenvolvendo. Alguns consensos, um tanto de divergências. Em alguns discursos me afino, em outros não.

Uma questão foi dada assim que a escrita começou a caminhar: falar sobre uma mulher não é nada fácil. Não que as mulheres sejam complicadas, como diz o senso comum, mas que essa questão é historicamente silenciada e, portanto, guarda em si uma teia de complexidades e afetos que subjazem os nossos discursos, as instituições sociais, as vivências do corpo, os modos de relacionar-se, etc.

Acredito estar longe de dar conta da complexidade que a questão do feminino abarca, mas permiti que perguntas fossem feitas e é esse o gás que move o texto: as perguntas que emergiram. A partir das perguntas, tive as opções de deixar que me mobilizassem para que eu caminhasse através delas, ou seguir firme à ideia inicial de tratar especificamente do caso descrito. Optei pela primeira opção, pois não poderia eu mesma silenciar meu feminino que desejou falar. Processo de ebulição, de entaves, medo e força. Não estava sozinha aqui, mas acompanhada de Pedro, “orientador homem”, que pacientemente exerceu sua maternagem e seus cortes, nos tempos que sua escuta afinada definiu.

O caso deixou de ser da paciente, a Matriz deixou de ser familiar, o feminino foi sendo desnaturalizado (talvez menos do que eu gostaria) e a teoria psicodramática foi atravessada por questionamentos. O feminino faz muitas perguntas, afinal, os processos sociais de definição dos papéis de gênero e aqueles definidos para as mulheres são basilares do modo como nossa sociedade se estruturou. Falar de gênero é mexer nas estruturas: da teoria, do corpo, da palavra e de si mesma.

Discutir o feminino pelo viés do psicodrama fez a própria teoria tornar-se mais permeável aos questionamentos suscitados. Engendrou um movimento no qual senti

necessidade de me mover e fazer mover também o conceito de Matriz de Identidade. Busquei conhecê-lo um pouco mais através de diferentes autores (Moreno, Fonseca, Naffah) e trouxe à discussão autores que fizessem outras interlocuções no texto (Deleuze, Foucault, Barenblitt, Mascarenhas). Passei a enxergar um modelo de Matriz mais fluida, porosa aos diversos acontecimentos e menos linear. Também compreendi a Matriz por uma perspectiva ampliada para além do núcleo familiar, uma vez que os processos de socialização e singularização incluem uma complexa rede de relações, sejam elas familiares, econômicas, culturais, ecológicas, políticas, entre outras.

## APRESENTAÇÃO DO CASO

Aline<sup>1</sup> tem 30 anos de idade, oriunda de uma família classe média-alta. É casada há quatro anos e tem um filho de dois. Possui ensino superior completo, com pouca experiência na área (por se considerar insuficientemente habilitada) e o salário abaixo da sua expectativa. Passa a maior parte do tempo cuidando dos assuntos da casa e da educação do filho. Em datas comemorativas, comercializa doces, atividade essa que iniciou após alguns meses de terapia. Durante a semana, costuma levar o filho para escola, encontrar com a mãe, ir ao shopping e caminhar pelo bairro.

A paciente tem uma sociometria empobrecida<sup>2</sup>, um círculo social pequeno, passando a maior parte do tempo sozinha, com o filho ou com os familiares. Cumpre alguns rituais e eventos religiosos, mas não participa ativamente da comunidade religiosa a qual pertence. Embora vez ou outra demonstre o desejo de fazer amizades nesse contexto, afirma sentir dificuldades por não se enquadrar nas expectativas das pessoas. Mostra interesse e ao mesmo tempo dificuldade em entrosar-se com os outros e manter vínculos significativos para além da família.

Durante sua infância e adolescência não conseguia manter amizades, vivendo situações de concorrência e rivalidade entre amigas, motivo pelo qual demonstra arrependimento e pesar. Possui uma amiga da época de faculdade que não é bem recebida e aceita por seus pais. Também nas relações afetivas, Aline manteve vínculos a contragosto dos pais, com pessoas que não pertenciam a sua religião ou classe social. Seus relacionamentos costumam ser *em corredor*<sup>3</sup>, marcados por possessividade, expectativas de exclusividade, conflitos e sentimento de culpa.

A queixa inicial trazida por Aline foi o desejo de separar-se do cônjuge, embora tivesse dúvidas e preocupações em relação a isso. Chegava frequentemente chorosa, com a voz trêmula, demonstrava fragilidade no corpo e nos gestos. Possuía algumas questões de saúde: problemas hormonais que interferiam na sua libido e de queda de cabelo. Essa

---

<sup>1</sup> Nome fictício para preservar a identidade da pessoa.

<sup>2</sup> “Uma pessoa sociometricamente isolada costuma ter um átomo social pobre, fixado nas figuras que constituem sua “matriz de identidade” primária. A matriz de identidade é o conjunto de vínculos nos quais a pessoa se insere ao nascer. O empobrecimento do átomo social é o resultado de qualquer tipo de patologia, constituindo a máxima incapacidade de uma pessoa em conflito: o não encontro de substitutos para as pessoas básicas de sua matriz. Quanto menos papéis em jogo uma pessoa tiver, mais dependente e inseguro será o seu comportamento” (BUSTOS, 1979, p. 20).

<sup>3</sup> Esse conceito de autoria de Fonseca (1980) será desenvolvido durante o texto.

última acentuou-se consideravelmente durante o processo psicoterápico. Apresenta um humor melancólico, contando de um cotidiano solitário e da impossibilidade de tomada de decisões, posicionamentos e rupturas com situações desagradáveis. Sua imagem de si é a de alguém que fez escolhas ruins ao longo da vida, que não conseguia sustentar vínculos, com pouca capacidade para estudos ou trabalho, além de dependente financeira e afetivamente da família. Optamos por trabalhar com psicoterapia bipessoal, pois estava claro que seu sofrimento não se resumia somente a uma questão conjugal, mas ao modo como via a si mesma, os sentimentos de impotência que carregava e questões do passado que ainda a constrangiam.

Abaixo, organizei o caso em três linhas que se desenharam no atendimento a partir de papéis desempenhados por Aline que estão relacionados a questão do feminino: 1) o papel de esposa; 2) o papel de filha; 3) o papel de mãe. Um quarto papel, o profissional, começou a surgir após quase um ano de terapia, uma vez que esse era visto como secundário diante das demandas familiares às quais ela se sentia presa, numa repetição difícil de ser rompida. Escolhi esses recortes pois observei papéis que se destacaram por estarem relacionados uns com os outros. O ser esposa, mãe e filha são os papéis nos quais Aline mais se reconhecia, sempre a partir do outro. Padrões relacionais conservados, nos quais o outro e ela mesma eram considerados objetos de expectativa, de um dever ser de acordo com o papel social/familiar que desempenham. Durante seu processo, era difícil para ela criar para si outros papéis ou mesmo reinventar seu modo de ser nestas relações.

O exercício feito durante a psicoterapia consistia em: reconhecer a si mesma e seus sentimentos dentro dessas relações; reconhecer o outro e os sentimentos do outro, bem como a quebra da expectativa diante desse outro. Em suma: um gesto de *diferenciação*. Nesse movimento, havia o sentimento de sentir-se presa ao outro, ao modo de se relacionar pelo viés da dependência, pendulando entre o “preciso sair mas não quero sair” e o “preciso sair mas não sei como sair”.

Embora a maneira como Aline vivencia os papéis em questão diga respeito, à primeira vista, ao seu modo singular de relacionar-se (sua experiência pessoal), as características desses papéis são diretamente relacionadas a papéis sociais de gênero: da mulher-esposa, da mãe-genitora-cuidadora, da filha-mulher-dependente. Em outras palavras, na dinâmica relacional, a condição de ser e reconhecer-se mulher no contexto em que vive tende a ser um relevante fator constituinte do modo de ser de Aline. Não estamos tratando de um determinismo cristalizante, mas de como nesse caso pôde ser observado o

quão o fato “ser mulher” em certo contexto traçou marcas fundamentais no modo de Aline comportar-se, perceber-se e sentir.

A sequência abaixo segue o movimento da paciente na psicoterapia. Aline chegou por conta de seu papel de esposa; descobriu-se ainda “presa” ao papel de filha; percebeu-se no desempenho do papel de mãe e reconheceu o quanto reproduzia vínculos simbióticos nessas relações. Nesses papéis, existe algo que insiste, que se repete: o desejo ou dificuldade de ruptura e diferenciação. Esse é o aspecto que diz respeito ao modo singular como a paciente lida com estes processos de ruptura e diferenciação nas suas relações, considerando o lócus em que está inserida.

### 1.1 MULHER-ESPOSA

O ponto de partida é a vontade de separar-se do esposo, a quem havia conhecido pela internet. Enfim Aline parecia ter se interessado por alguém da mesma religião e idade. Antes disso, sofria por ter namorados que desagradavam sua família por não se enquadrarem nesses quesitos. Com menos de um ano de relacionamento, foi morar na casa dele, deixando para trás o seu trabalho para ajudá-lo nos negócios da família. Relatou que na época era bastante ciumenta, possessiva, ou, nas suas palavras, “uma mulher que amava demais”. Antes mesmo do casamento civil e religioso começaram a aparecer as brigas, marcadas por agressões verbais e algumas situações pontuais de agressão física em forma de empurrões por parte dos dois. Nesses momentos o pai dela (especialmente a figura paterna) eram consultados para aconselhar o casal.

Ela dizia saber que a relação não daria certo, mas acreditava que com a formalização do casamento talvez as coisas pudessem melhorar. Costumava trazer na fala uma expectativa de que após algum acontecimento “as coisas iriam melhorar”, fosse o ritual de casamento, a chegada do filho, a mudança de casa ou alguma novidade na vida profissional do companheiro. Aline parecia tecer seus momentos de tristeza e frustração na expectativa do novo acontecimento, de um jeito que uma atitude de ruptura pudesse dissolver a esperança da mudança, resultando em uma contínua insatisfação.

A paciente relatava que no início de relação ela era romântica e carinhosa, gostava de fazer surpresas, mas não se sentia correspondida na medida que acreditava merecer. Acreditava que o homem que comunga de sua religião tem como obrigação satisfazer sua esposa, mas seu parceiro não lhe trazia satisfação, segurança financeira e afeto suficientes. Até que ela decidiu, voluntariamente, parar de demonstrar afeto, estabelecendo uma situação permanente de frieza na relação, gesto que se configura como

um tipo de punição ao esposo e também como negação a entregar-se afetivamente a uma relação em que não se sentia devidamente cuidada e valorizada.

Sobre o período da gestação, queixava-se por não ter recebido afeto e o devido reconhecimento por parte do companheiro. A queixa de falta de reconhecimento do outro era frequente, dando a impressão de ser constantemente pouco recompensada pelo esforço que fazia, além de ser desqualificada nas suas decisões. Nesse período aconteceu uma situação de conflito que resultou na troca de empurrões, seguidos de uma nova entrada em cena da sua família para mais um aconselhamento. Nas situações de dificuldade na relação, fosse na vida íntima do casal, na educação do filho ou nos assuntos financeiros, os pais de Aline eram prontamente atualizados dos fatos para que a aconselhem acerca do que deve ser feito. A vida conjugal caminhava próximo à sua família de origem, o que lhe gerava sentimentos ambivalentes de segurança e insatisfação devido a sensação de dependência.

Com a chegada do filho passou a dedicar-se ao bebê, evitando cada vez mais o contato afetivo com o companheiro. Queixa-se por ele ser grosso, fechado, insensível, sempre cansado e sonolento. Aline mostra-se decidida a não querer mais abrir-se afetivamente para ele, tendo-o apenas como um amigo, o pai de seu filho, com quem convivia diariamente. Mesmo decidida pela frieza e distanciamento, ela sustentava a permanência da relação: “Não tenho mais ele como marido, como homem”, dizia com frequência. No entanto, não ganhava força a possibilidade da separação. Nos atendimentos trazia um semblante opaco, entristecido, inerte diante do desejo do rompimento ou tentativas de resolução das adversidades.

Sexo não acontecia já há alguns meses, devido à diminuição da libido causada pela escassez do hormônio testosterona no organismo. Ela carregava esse diagnóstico consigo há alguns anos, considerando-se quase naturalmente assexuada e afirmava não importar-se muito com isso. Também não desejava mais fazer qualquer tratamento hormonal. Não queria sentir desejo por seu companheiro e afirmava sentir repulsa por ele, por seu hálito, seus tiques, sua relação com a família, numa mistura de asco e pena. Numa sessão, trabalhamos psicodramaticamente sua relação e, no papel dele, dizia que ela era fria e intocável, que colocava um muro entre os dois, distanciando-os. Três sessões depois, trabalhamos uma nova cena.

### 1.1.1 Sessão “a moça que empurra”

“O que vamos falar hoje?” – perguntou sorrindo. “As coisas estão bem melhores. Eu e o Caio<sup>4</sup> estamos num momento bom. Não entendo nem como aconteceu isso, que mudou assim... já tirou um pedaço daquele muro que separava nós dois”. Aline contou que já conseguia ficar perto dele, deixando-o tocá-la, mas não sentia vontade de acariciá-lo, tampouco sentia-se relaxada quando havia contato físico. Ficou pensando sobre o que falamos na sessão anterior, sobre a sensação de existência de um “muro” entre os dois. Aline reconheceu que o obstáculo ainda existia, ainda que menor. Propus que nós olhássemos, psicodramaticamente, para o que compunha esse muro. Primeiro, pedi que ela me mostrasse corporalmente como era essa imagem do muro entre eles. Ela se colocou bem próxima ao esposo, com o muro entre os dois:

Terapeuta – *Assim, bem perto um do outro?*

Aline – *É, mas com o muro no meio.*

T – *Com as almofadas, vá mostrando do que esse muro é feito...*

De fora da cena, ela foi colocando as almofadas, uma por uma, representando motivos que os mantêm distantes um do outro.

A – *Tem meu medo de não voltar a ser mais quem eu era...*

T – *Quem você era?*

A – *Carinhosa e amorosa. Tem meu medo de estar deixando de viver uma história de amor melhor, com outra pessoa, por estar acreditando ainda nessa relação. E tem um medo de Caio voltar a me tratar mal, e eu voltar a ser fria.*

Pontuei que percebi que ela parecia sentir medo de perder a capacidade afetiva, de não sentir amor.

A – *É, porque tem coisas que Caio faz que ele não toma cuidado, mesmo quando a gente tá bem, e aí eu fico chateada. Parece besteira eu falar assim... Mas de manhã cedo ele faz barulho na casa quando eu e o bebê estamos dormindo, ele faz movimentos bruscos, liga a torneira, balança as chaves... e quando estamos bem ele me pega no colo sem me avisar, eu odeio que ele faça isso... ele faz cócegas nos meus pés, eu odeio que façam cócegas em mim!*

---

<sup>4</sup> Nome fictício atribuído ao esposo.

- T – *A sensação que tenho é que você sente ele meio invasivo com os sons e gestos, toques...*
- A – *Sim, parece que ele não tem noção disso!*
- T – *Entre no papel dele... Feche os olhos... perceba como é estar no corpo dele, ser o Caio, me mostre através de um gesto como é ser o Caio.*
- A - (no papel do esposo, faz um gesto de quem a agarra com as mãos, agitado.)
- T – *O que está acontecendo, Caio?*
- A - (no papel do esposo): *Estou tentando tocar nela, mas ela não está deixando.*
- T – *Volte a ser você. Sinta como é estar nesse lugar de quem não está deixando, e deixe seu corpo expressar.*
- A – (Faz uma imagem corporal na qual está de cabeça abaixada, cabelos no rosto, costas arqueadas para dentro, e braços empurrando, protegendo-se do outro que quer lhe tocar)
- T – (Peço que saia do papel e eu faço um espelho da imagem): *Que nome você dá a essa imagem?*
- A – *“A moça que empurra”.*
- T – (Peço que volte para o papel e retomo a entrevista): *Moça, o que você está fazendo?*
- A – *Estou empurrando ele, eu não gosto que ele faça isso, me incomoda muito. Ele quer me beijar, tocar, me fazer cócegas. Eu não gosto!*
- T – *Se ele te tocar, te beijar... o que pode acontecer?*
- A – *Eu posso ficar que nem ele, querendo fazer carinho... e nada me garante que ele não volte a ficar grosseiro comigo.*
- T – *Volte a ser esse alguém que quer fazer carinho.*
- A – (no papel do esposo): *Estou tentando agradar a ela, tentando beijar, eu faço de tudo pra agradar ela e nada é suficiente. Tudo que tenho pra dar não é suficiente. (Sai do personagem): Eu perdi toda a minha capacidade de amar, eu fiquei fria. (Faz com um gesto de quem tira coisas de dentro da barriga, jogando no chão:) Tirei de mim o afeto, o sexo, o amor, o carinho... Mas eu quero voltar a sentir tudo isso.*
- T – *Feche os olhos... tiveram outras pessoas a quem você quis dar algo que não foi suficiente?*

Nesse momento me encontrei num terreno sem forma. As consignas não pareciam fazer muito sentido para mim, mas parecia que para ela uma experiência afetiva estava se sustentando. Prossegui, sem conseguir captar com precisão o conteúdo, mas nutrindo e acolhendo aquilo que me era mostrado. Ao fazer a pergunta sobre “outras pessoas a quem quis dar algo que não foi suficiente”, eu havia compreendido que ela se referiria à relação com a mãe, mas os personagens não estavam definidos como eu havia imaginado. A pergunta poderia ter sido outra, talvez “quem fez isso com você?”, “quando?”, “quem te machucou?”, “que marcas te deixaram?” ou “como podemos cuidar disso?”. Mas percebi também que havia afetos que se expressavam no contrapapel, da vontade de viver um sentimento, mas que não teria sido permitido, de uma insuficiência, talvez.

*A- Não sei porque, mas lembrei do meu primeiro namorado... eu gostava dele, queria ter ficado com ele, tinha amor, carinho, sexo... quando eu quis voltar com ele, ele já tinha outra pessoa. Se eu não tivesse terminado, as coisas não teriam sido desse jeito...*

*T – Desse jeito?*

*A – Eu não teria tido esses namorados que não me trataram bem.*

Aline começou a contar sobre uma situação que aconteceu poucos meses após seu filho ter nascido, na casa de seus pais, na qual o marido a forçou a fazer sexo. A segurou com força, tirou a roupa dos dois e mesmo ela pedindo para que parasse, ele tentou a penetração e só parou quando ela começou a chorar. Relata ter ocorrido mais de uma vez na casa deles e que, depois disso, ficou com nojo do esposo. Ela perguntou para mim se eu achava que aquilo era abuso, estupro. “O que você acha?” – perguntei. Ela respondeu que se sentiu abusada. Perguntei se esse era o sentimento da “moça que empurra” e ela disse que sim, que na verdade ela foi “abusada” e que por esse motivo tinha resistência ao toque, que não conseguia ficar à vontade. Disse nunca ter conversado com o marido sobre o assunto – não perguntei porque não conversaram. Aline afirmou que desejava voltar a sentir desejo e carinho, independente de ser pelo esposo ou por outro homem. A ela parecia que era “a errada” por não querer sexo, por não satisfazer o marido do jeito que ele gostaria, se culpando, não conseguindo mais sentir-se à vontade. Conversamos sobre essa culpa em não “cumprir” o que acreditava ser o papel de uma boa esposa, sobre fazer sexo com o esposo contra a própria vontade, sentindo-se machucada, abusada e forçada. Aline contou ainda sobre outros namorados, especialmente sobre um

que desejava fazer sexo sempre que estavam juntos, mesmo quando ela não desejava, e do quanto sentia-se incomodada por fazer sem querer, das dores físicas, o choro contido, a vergonha por “não dar conta” do desejo do homem, de não respeitar os próprios limites para satisfazer ao outro e em seguida sofrer por isso.

Existe algo aqui que passa pela experiência pessoal de Aline, mas que diz respeito a uma experiência do feminino na cultura em que estamos inseridos: a mulher que se sente compelida a fazer sexo com seu companheiro contra a sua própria vontade, isto é, cumprir o “papel de esposa”, o “papel de mulher” conforme as regras dentro do contexto machista e misógino. O sexo no âmbito do casamento, quando exigido, coagido ou forçado seja física ou psicologicamente, na grande maioria das vezes não é caracterizado como estupro ou abuso, mas como “obrigação da mulher”. É naturalizada, assim, a expectativa de que a mulher cumpra este papel, agrade e satisfaça o homem, mesmo que precise submeter-se, que se sinta inferiorizada e objetificada.

Penso que marcas ficam na subjetividade da mulher quando se encontra inserida neste tipo de relação. Recordo-me de uma fala da mãe de Aline quando a filha confessou não suportar o toque do marido: “Feche os olhos e beije”. De mãe para filha, de mulher para mulher, a mensagem passada é “ignore o que você sente e suporte o incômodo”. Mas Aline não quis ou não aguentou mais suportar esse lugar e começa a ouvir a si mesma. Seu corpo não suporta. Nega-se a se entregar a uma experiência abusiva. Existe um movimento de negação de um tipo específico de vínculo ao não mais render-se à expectativa do outro, embora ela mesma ainda não saiba quais são as suas próprias expectativas. Criou um muro de frieza, de proteção, um isolamento que à primeira vista parece adoecê-la, paralisá-la, mas pode ser, nesse contexto, afirmativo no sentido do cuidado de si, da autopreservação.

Nesse sentido, poderíamos pensar que o isolamento diria respeito a uma questão psicológica somente, mas esse pensamento aponta para uma separação do psiquismo e do social, como se houvesse um psiquismo fechado em si mesmo. Podemos então começar a pensar no quão suas ações e sua subjetividade são atravessadas e constituídas por códigos sociais da matriz familiar e para além dessa, especialmente no que diz respeito aos papéis de gênero. Moreno desde sempre enfatizou essa inseparabilidade entre o indivíduo e o social em sua Teoria Socionômica.

Na sessão seguinte, Aline não falou sobre o assunto tratado na anterior, mas contou da impaciência em relação ao filho e que teve que deixá-lo com a mãe por conta de um trabalho a fazer. Nas duas sessões seguintes, ela faltou. Sobre uma delas, disse ter

esquecido da terapia, algo inédito desde que iniciou. Justificou a outra ausência com antecedência, alegando que teria muito trabalho a fazer. Não fizemos relação entre a dramatização e as faltas, tampouco perguntei sobre como se sentiu nos dias seguintes. Também evitei dramatizações nos encontros seguintes.

Tive a sensação de que tínhamos entrado, com a dramatização, em um âmbito do íntimo que há muito estava ocultado, porém não menos presente nos afetos, percepções e comportamentos de Aline. A partir do lugar de mulher que também sou, entendi que precisaria ter cuidado no trato com ela, deixá-la ter seu tempo de assimilar aquilo que havia vindo à tona. Fiquei preocupada em não me tornar uma “terapeuta abusiva” caso insistisse e entrasse mais em contato com essa questão para além do movimento que ela mesma construía. Transferencialmente, há uma pessoa abusiva na relação com ela que havia sido chamada nessa cena. O cuidado que precisei tomar foi de não assumir “a pessoa abusiva”, para enfim poder falar da questão.

Nesse processo, Aline chegou a separar-se do companheiro por alguns dias. Caso permanecesse separada, continuar sozinha no apartamento e voltar a trabalhar não era uma opção, pois considerava que teria que casar o quanto antes com outro homem ou retornar à casa dos pais e retomar uma condição anterior de vida. Parece que só conseguia perceber-se inserida num modelo familiar no qual seria esposa ou filha. Em ambos os casos, precisaria da presença de um homem na figura provedora e protetora. Parecia estar capturada por um modelo familiar específico no qual é preponderante a presença e liderança masculina.

## 1.2 MULHER-FILHA, MULHER-MÃE

Embora, inicialmente, o tema da terapia fosse a questão conjugal, Aline passou a trazer com frequência às sessões o tema da maternidade. Passava os dias em casa, dedicada aos cuidados do filho que demandava sua atenção, seu olhar e amamentação. Estava certa de que *o filho precisaria fazer o desmame*, também reconhecia em si a necessidade em aceitar o desmame do filho e “fazer o próprio desmame” em relação à sua mãe.

Trazer o tema da maternidade à tona deu espaço a uma série de questões acerca do *ser filha*. Ao mesmo tempo em que se percebia desenvolvendo o seu próprio papel de mãe, sentia-se dependente da mãe, e em seguida reconhecia-se dependente também do pai (nesse caso, o poder do pai exercia-se por meio da mãe, que agia como uma representante dele). Desde criança, considera a mãe como “aquela que sabia tudo, que fazia tudo” e a si

mesma como alguém que “não sabia fazer nada”. Cada decisão ou atitude era referendada pela mãe, a quem permaneceu recorrendo, embora com certo desassossego por perceber-se dependente e pouco autônoma.

Vivia um momento de ruptura. Seu papel de mãe trazia à tona uma série de inquietações acerca do seu papel de filha. Havia constituído sua própria família, mas sentia-se dependente dos pais em diversos sentidos: financeiramente, afetivamente, nas escolhas cotidianas do casamento, nos assuntos relacionados ao próprio corpo e saúde, etc. Trazia sentimentos de pesar e angústia quando deparava-se com a ausência deles, por exemplo, por ocasião de alguma viagem, chegando a ter crises de choro nas sessões quando os pais estavam viajando. Dizia que precisava romper também com essa dependência, afirmar-se mais, fazer e bancar as próprias escolhas.

Aline era a única filha mulher, e acabava por assumir um lugar de fragilidade em relação aos pais. Já com o irmão a relação dos pais era diferente. Eles não costumavam falar com o filho com tanta frequência, tampouco opinar nas suas decisões. Em um momento posterior da terapia, Aline falou sobre a necessidade e incômodo que sentia de contar tudo que acontecia na sua rotina para os pais e não tomar qualquer decisão sem o aval deles. Quando começou a mudar essa atitude, sentiu forte represália por parte dos pais como, por exemplo, quando comprou um carro diferente do escolhido pelo pai ou quando se empenhou no desmame do filho sem avisá-los. Eles ameaçaram-na com a perda de apoio financeiro e afetivo, ante a qual Aline sentiu-se, para minha surpresa, “aliviada e mais livre”.

### **1.2.1 Sessão “O peito é meu!”**

Durante uma sessão em que trouxe um forte incômodo em relação aos palpites de sua mãe sobre o modo como ela lidava com a própria maternidade, trabalhamos em cena psicodramática a relação entre ela, sua mãe e seu filho. Pedi que ela fizesse uma escultura<sup>5</sup> representando a relação dos três e criou a seguinte imagem: a mãe abraçava Aline e seu filho, estando ela de costas para a mãe e o filho em seu colo, de frente para ela. Pedi também que desse voz aos personagens:

Mãe: *Eu quero ficar com vocês dois, eu sei o que é melhor pra vocês.*

---

<sup>5</sup> A escultura pode ser considerada uma técnica oriunda da terapia familiar sistêmica, utilizada e incrementada por psicodramatistas. Trata-se da expressão plástica simbólica de um esquema vincular (KNAPPE; BARBERA, 1990).

Aline (solilóquio): *Estou de costas pra ela, mas eu preciso olhar pro meu próprio filho, preciso cuidar dele e também aprender a deixar ele ter autonomia, mas eu gosto muito das opiniões dela, quero ficar perto dela sem ter ninguém entre nós...*

Filho: *Quero a minha mãe!*

Pergunto que situação ela teria vivido que representava aquela imagem. Ela trás um diálogo das duas sobre a criação do filho:

M (em tom depreciativo): *Seu filho está magro, já te falei que você não pode dar de mamar pra ele antes das refeições, e você tem que dar suplemento. Ele está raquítico.*

A: *Eu sei que eu posso, eu conversei com outras mães e li sobre isso. Eu escolhi por amamentar por “livre demanda<sup>6</sup>”. Meu leite tem os nutrientes que ele precisa, não vou dar suplementos!*

M (solilóquio): *Estou triste que ela não me escuta, não faz o que eu aconselho.*

A (solilóquio): *Estou triste por ter que me desentender com ela, mas na maternidade sou eu quem decide!*

Comentário de A: *Esses dias estávamos num restaurante e eu fui amamentar. Antes eu cobria o peito, agora não me importo mais. Meu irmão brigou comigo, disse que era para eu ir para um canto, amamentar escondido. Eu disse que o peito é meu, eu não tenho que ter vergonha de fazer isso, é bonito, estou alimentando meu filho! O peito é meu, não é seu! **O peito é meu!***

Aline continuou, contando do quanto vinha conseguido se afirmar em relação à mãe e familiares em temas relativos à maternidade e aos cuidados da própria casa, mas que sofria por discordar deles, quando agia diferente das expectativas.

Nessa ocasião ela também contou de como gostaria que os pais dissessem a ela o que fazer quanto à separação, embora já aconselhassem bastante no sentido de apoiá-la em sua escolha, qualquer que fosse. Ficava no entremeio do *ser direcionada e direcionar-se*. Afirmava saber que precisava fazer seu “próprio desmame” e angustiava-se por sentir-se presa, mas solicitava a presença dos pais e sofria a qualquer sinal da falta deles. Lembro de uma sessão em que os pais estavam em uma viagem no exterior e ela passou todo o tempo olhando o celular na expectativa de mensagens e contou o quanto estava angustiada

---

<sup>6</sup> A amamentação por *livre demanda* é um método que significa, basicamente, a mãe dar o peito sempre que for solicitado pelo bebê, sem horário determinado, até que ele se sinta satisfeito. Difere de outros métodos que costumam delimitar a frequência e duração das mamadas.

com a ausência deles. Aline dizia que deseja ser uma mãe parecida com a sua, no entanto não queria reproduzir no filho a *dependência* que considerava sofrer em relação a mãe. Mais uma vez, encontrava-se no impasse entre reconhecer-se insatisfeita e, ao mesmo tempo, dependente de uma relação. Queria soltar-se e também sentir-se presa, vinculada. O clima afetivo era de sofrimento e pesar. Ela se misturava com as necessidades do outro, tomando-as como se fossem suas, mas também experimentando movimentos de afirmação, se diferenciando nos gestos, para depois retomar o cordão que a mantinha colada ao outro. Parecia haver uma progressão na soltura desse laço, tanto com os pais quanto com o filho e o esposo. Ela repetia o movimento de ir e vir, de experimentar e voltar, mas quando voltava já havia se diferenciado um pouco mais, até que viesse a próxima situação.

Ao remeter-me a esse “cordão” que a mantinha ligada ao outro, considero importante trazer a contribuição de Bustos (1979 e 1990) com o conceito de *suplementaridade* nas relações ou *vínculos simbióticos*. Nesse tipo de vínculo ainda não é possível a vivência de uma complementariedade de partes diferenciadas, mas, ao contrário, ainda não há uma consciência do vínculo. Característico do estágio de matriz de identidade total indiferenciado, o eu e o outro são experienciados como suplementares um ao outro. Para o autor, a saída da matriz de identidade total indiferenciada se dá pelo reconhecimento do vínculo, a diferenciação do eu e o não-eu e assim passa de uma relação simbiótica, marcada por um funcionamento unitário, para o reconhecimento do eu e do outro.

Para que haja complementaridade deve-se ter consciência do vínculo, da existência de uma ponte que une mas que também diferencia, separa. A fantasia da inexistência de vínculo denomino de suplementaridade: cada um dos termos de uma relação se comporta como se fosse uma parte de um todo, sem solução de continuidade. Esta é a estrutura vincular dos chamados vínculos simbióticos. Passa-se de um *estar* com o outro à fantasia de *ser parte* do outro (BUSTOS, 1990, p. 74).

Por meio do papel de mãe, Aline conseguiu traçar um espaço mais definido de escolhas e gestos. Mesmo que com receios, medos e inseguranças, a maternagem foi um momento relevante no qual passou a reconhecer seus próprios gestos e diferenciá-los das expectativas alheias, a afirmar-se diante dos outros, a firmar limites próprios em relação ao outro que surge ora como figura inseparável, ora como invasivo: “Me cansa ter que discutir com eles, defender a todo instante que eu sou a mãe e vou decidir como vou lidar com as questões do meu filho”, dizia ela, afirmando-se para mim e para si mesma.

## **2. PROCESSO DE DIFERENCIAÇÃO E O VÍNCULO TERAPEUTA-PACIENTE**

Tenho a sensação de que muitas vezes precisei ser um tanto cautelosa com Aline, não a expondo demasiadamente e acolhendo-a, quase como um bebê. Senti essa sensação desde o início do processo, quando percebi que para estabelecer um vínculo com ela eu precisaria falar um pouco mais baixo. Sentia em mim uma tendência a gestos mais suaves ao atendê-la, a oferecer a ela um ambiente de acolhimento, amparo, sustentação. Em sua vida, Aline não conseguia lidar com cócegas, sustos, toques abruptos. Talvez devido a algumas marcas de sua história de vida, tenha um limiar frágil em relação às entradas do outro. O compartilhar não era vivido com leveza, pois o outro muitas vezes surgia como figura ameaçadora ou rival.

Ao trazer para a terapia seus gestos em relação a união/separação do esposo/pais/filho, Aline costura e elabora o seu próprio movimento de diferenciação, os seus desmames em relação ao outro. Percebe-se submetida ao outro, cristalizada em algumas posições na relação que a remetem a sensações de dependência e imobilidade. Passa então a “trabalhar” ativamente essas questões: olha para si mesma, percebe suas ações nas relações, reconhece-se nelas, percebe seus sentimentos e experimenta modos diferentes de agir, mais afirmativos e desejosos. Em alguns momentos recua e em seguida percebe-se. Passou por momentos em que conseguiu, por exemplo, bancar escolhas opostas à opinião dos pais, mesmo tendo que lidar com os efeitos punitivos de seus gestos de ruptura.

Percebe-se, no caso de Aline, um esforço por parte dos pais em suprir as necessidades da filha. Financeiramente, continuam a bancar os gastos dela e de seu filho. Também ajudam com os cuidados do neto, fazendo entradas incisivas nos momentos de tomadas de decisões, escolhendo suas roupas, dando direcionamentos em relação à organização da casa, aconselhando nas mais diversas situações. Pouca é a brecha dada para que Aline possa sentir necessidades sem que seja imediatamente amparada, o que possibilitaria a emergência de sentimentos de frustração, mas também a possibilidade de criação diante disso.

Sobre sua matriz familiar, conta que sua mãe fora “rejeitada” por sua avó, de modo que ao criar Aline decidiu que não faria com a filha o mal que sofrera, dando a ela

toda atenção e cuidado possíveis. A mãe estava sempre de prontidão para amparar a filha e quando seus cuidados eram rejeitados ficava explícito um clima de “chantagem emocional” e culpabilização de Aline por parte da mãe. O desmame aqui não é só de Aline, mas também da sua mãe em relação a ela.

Em uma cena psicodramática, em que trabalhávamos diretamente a dificuldade que sentia em abrir mão da amamentação do filho (embora estivesse sentindo-se presa e incomodada com a situação) conversamos com o *peito* de Aline: “*Eu mantenho os dois juntos, sem mim ele (o bebê) vai viver outras coisas, ela (Aline) vai precisar viver a vida dela também. Eu sou o carinho, o contato entre os dois*”.

O *peito* que “fala” na cena é o vínculo em que um é vivido como parte do outro, um é suplementar ao outro e o bebê seria extensão da mãe. O *peito* é o cordão umbilical psicológico que caracteriza as relações de dependência e a retirada desse vínculo específico significaria a experiência da ruptura, da brecha que evidencia o vazio e, conseqüentemente, a vivência de frustração e luto. De pano de fundo interpretei que Aline poderia estar sentindo o bebê como parte dela para não sentir o vazio dela com ela mesma. De acordo com Bustos (1979, p. 21): “Ao ser vivenciado o mundo como parte de si, os papéis em interação são percebidos como suplementares. Ele, seu vínculo e o outro são somente um. A troca de papéis é impossível aqui e, portanto, não há amadurecimento”.

Na terapia, Aline parece viver um desmame doloroso, com sentimentos de uma vivência de luto. Não conseguia do esposo que lhe suprisse as necessidades, tampouco desejava voltar a uma condição anterior de filha sustentada pelos pais, embora eles oferecessem a ela essa possibilidade. Ela, afinal, já era mãe e tentava fazer o desmame do filho e o seu próprio. Tenho a sensação de que, como psicoterapeuta, acabei por ocupar esse *lugar de transição* no processo de Aline: o espaço do choro, da expressão de ódio, do assumir a inveja, da vivência de sentimentos de luto e de ter seus afetos mais infantis acolhidos. Aline se encontrava num momento no qual se percebia fora do ninho familiar, mas não encontrava no esposo o apoio incondicional ao qual estava acostumada. Ela parecia ter provado o gosto de ter criado um universo próprio, mas sentia dificuldade em sustentar com os pais e consigo mesma a possibilidade de viver somente com o filho, sem a presença deles ou da figura de um marido por perto: “*Gosto do meu apartamento, gosto da minha vida como ela é, gosto de cuidar do bebê, mas se eu me separar vou ter que voltar pra casa de meus pais, mas meu pai não me deixaria ficar no apartamento sozinha... Se me separar preciso achar logo um outro marido*”.

Aline vinha frequentemente chorando nas sessões e eu comecei a ter a sensação de que precisaria acolhê-la dentro de mim. Eu precisava estar ali, aceitando, testemunhando, recebendo Aline do jeito que ela chegasse, fosse mimada, carente, egoísta, invejosa... Aline demonstrava sua necessidade de poder vivenciar sem julgamentos aquilo que ela sentia e que, por enquanto, não era possível compreendermos o significado. Acolher os paradoxos que trazia: dar-se conta que vivia uma relação que não era saudável, mas que também não encontrava forças para dar outros passos; desejar desmamar o filho, mas não sustentar uma negativa às solicitações dele, reconhecendo que enquanto amamenta também recebe carinho. Por enquanto, isso era o possível.

O conceito de *objeto transicional* de Winnicott (1975, p. 30) caberia aqui para explicitar esse *lugar de transição* ocupado pela terapeuta. Segundo o autor “ele representa a transição do bebê de um estado fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado”. Isso ocorre quando a criança cria meios para lidar com a frustração da separação, ao iniciar a ruptura da fusão com a figura materna. A função do objeto transicional é de proporcionar segurança e alívio na angústia de separação da mãe e o desprendimento do objeto ocorreria na medida em que há o crescimento e a diferenciação da mãe.

Assim, na medida em que há experiências de frustração e inscrição no princípio da realidade, é possibilitado que *o não* seja compreendido e vivenciado enquanto organizador do psiquismo. O *não* é a primeira representação da lei, da existência do outro na relação. Quanto mais possível for a individuação, assim será o rompimento da membrana simbiótica e a experiência de completude em relação a si mesmo. Ou, traduzindo numa linguagem psicodramática, podemos pensar no terapeuta executando uma *função de ego-auxiliar* no vínculo com o paciente. Não me refiro do ego-auxiliar clássico que atua dentro do contexto dramático específico, mas da função ego-auxiliar de uma maneira ampliada, dentro do contexto psicoterápico. Ocorre entre terapeuta e paciente o que Fonseca (2010, p. 22) chama de “estado de sintonia télica”, de modo que o terapeuta empresta seu próprio psiquismo ao paciente, contribuindo para que este possa se expressar. A seguinte citação de Moreno expressa essa questão:

Na situação psicodramática, o ego-auxiliar tem duas funções – a de retratar o papel de uma pessoa requerida pelo sujeito; a segunda função é a de guiar o sujeito, mediante o aquecimento preparatório, para suas ansiedades, deficiências e necessidades, com o objetivo de orientá-lo no sentido da melhor solução de seus problemas. O contexto natural da relação mãe-filho é comparável à relação sujeito-ego auxiliar da situação psicodramática. Também a mãe tem duas funções: uma de atuar adequadamente o papel de mãe; a outra é de desenvolver um quadro nítido das necessidades e do ritmo do bebê, a fim de que possa

aquecer-se para as exigências dele, a fim de ajudá-lo a funcionar adequadamente (MORENO, 2011, p.109).

Estamos tratando aqui dessa segunda função assimilada no contexto psicoterápico, de uma escuta diferenciada às necessidades do paciente com uma maior disponibilidade do terapeuta aos seus anseios. Escuta corporal viva, afetiva, em prontidão, baseada no vínculo terapêutico, servindo ao desenvolvimento do psiquismo do paciente. Um tipo de sensibilidade similar àquela oferecida pela mãe ou principal cuidador (a) do bebê, durante o estágio de identidade total na Matriz de Identidade, quando ambos se constituem como um todo inseparável (GONÇALVES; WOLFF; ALMEIDA, 2001). Ainda de acordo com Moreno:

Assim como algumas crianças precisam de ajuda para nascer, também necessitam de auxiliares para comer, dormir ou deslocar-se no espaço à sua volta. Do ponto de vista da criança, esses auxiliares apresentam-se como extensões do seu próprio corpo, enquanto ela é demasiado fraca e imatura para produzir essas ações por seu próprio esforço. (...) A uma extensão do ego da pessoa, necessária a uma existência adequada que deve ser fornecida por uma pessoa substituta, demos o nome de 'ego auxiliar' (MORENO, 2011, p. 109).

A psicanalista winnicottiana Tânia Possani (2010, p. 32) refere que “a empatia se apresenta como uma qualidade de presença no presente – no tempo e espaço presentes – necessária para o surgimento de si e do outro. Ou seja, a empatia é condição para o cuidado ético”. Isto é, segundo a autora, a empatia possibilita a sintonia dos corpos: no espaço no tempo, com a linguagem, com o modo de ser do outro. Isso significaria o que Gilberto Safra (2006) chama de *apreensão do idioma pessoal* do outro e a comunicação a partir desse idioma. Ocorre quando é possível ser estabelecida uma comunicação entre os dois seres e gerar uma experiência compartilhada.

Esse conceito de *empatia* está em sintonia com o modo como Moreno a definiu, como a possibilidade do terapeuta captar sensivelmente as emoções do paciente, de sentir como se fossem em si mesmo os sentimentos do outro, de quem está em contato na relação terapêutica. Já o fenômeno *Tele* seria, para Moreno, a empatia acontecendo nas duas direções, quando há a comunicação entre os indivíduos nos dois sentidos. Não é o objetivo deste trabalho aprofundar-se numa diferenciação entre tele, empatia e transferência, mas considero importante pontuar a existência dos tantos lugares existenciais relacionados ao universo subjetivo do paciente que o terapeuta ocupa durante o processo psicoterápico, o que na linguagem psicodramática aqui desenvolvida nomeamos de “função de ego-auxiliar” baseada no princípio do duplo.

O duplo foi um dos princípios centrais utilizadas durante esse atendimento, mesmo fora do contexto dramático. O duplo está localizado, dentro da perspectiva do desenvolvimento da Matriz de Identidade, na fase da indiferenciação. Nesse momento, a figura da mãe ou do cuidador principal tem a função de reconhecer as necessidades físicas e psicológicas do bebê, nutri-lo e protegê-lo, já que inicialmente o bebê é a própria fragmentação. Aqui o duplo é caracterizado não como uma técnica em si, mas como um *princípio* na relação terapeuta-paciente, assim como Moreno conceituou o princípio do ego-auxiliar.

Zerka Moreno (2001 e 2008) também desenvolveu reflexões acerca do duplo. Para a autora, a *dublagem* (como nomeou essa experiência) ocorre quando há um encontro entre protagonista e diretor de tal maneira que é como se ambos se tornassem uma única pessoa, indo além de uma empatia do terapeuta pelo paciente, mas ocorrendo o fenômeno tele:

Se a dublagem fosse uma relação transferencial do sujeito para o dublê, nada essencial decorreria disso, exceto a livre associação e os delírios do sujeito em relação ao dublê. Em caso contrário, se fosse uma relação transferencial do dublê para o sujeito, nada aconteceria também, ao menos que o sujeito se mostrasse tão sugestível a ponto de aceitar cegamente tudo que o dublê produzisse, o que nunca aconteceu até hoje. Além disso, a dublagem não pode ser explicada somente pela empatia do dublê em relação ao sujeito. Alguns elementos de transferência, assim como de empatia, podem operar no relacionamento, mas somente pela empatia ou pela transferência o dublê não conseguiria intuir certos elementos que o sujeito venha a sentir durante a situação de dublagem (MORENO, Z., 2008, p. 103).

Ainda segundo Zerka (2008), a dublagem ocorre quando há o máximo de receptividade possível por parte do dublê, instaurando uma ponte entre ambos, baseada no sentimento de identidade. O dublê revela ao sujeito aspectos que ele não conseguia perceber por si mesmo, que tenta esconder de si ou que ainda não tem uma consciência clara. Ao ser atingido pelo *insight* do dublê, o sujeito abre-se imediatamente. Nesse fenômeno, há uma circulação da experiência entre sujeito e ego-auxiliar: a experiência do ego-auxiliar na relação com o paciente, somada a dublagem que realiza, produz afetos no sujeito, que acrescenta novos dados aos insights do dublê.

Esse sentimento de mão dupla, o ego-auxiliar sentindo-se o sujeito e vice-versa – ou seja, o que o ego-auxiliar sente a respeito de si mesmo –, produz uma interação profunda. Não se trata de um material projetado, e sim de eventos reais. É um fenômeno tele. Os dois dublês são mantidos juntos por uma experiência télica. A empatia e a transferência fazem parte dela, mas não representam a essência do processo de relacionamento (MORENO, Z., 2008, p. 104).

As reflexões de Zerka nos fazem pensar que ocorre muito mais coisas na relação terapeuta-paciente do que uma conceituação mais fechada de transferência, empatia ou tele poderiam dar conta. A experiência relacional abarca uma complexidade que envolve todos esses fenômenos. No entanto, o que privilegia a emergência do duplo é, especialmente, a circularização de afetos propiciada pelo fenômeno tele.

Nessa noção de terapeuta como ego-auxiliar, trabalhando com o princípio do duplo, remeto-me à escrita de Fonseca, o qual amplia o princípio do duplo no sentido do aqui-e-agora, não somente do como-se psicodramático.:

O terapeuta se conduz pelo princípio do duplo (estado de sintonia télica) e pelo princípio da entrega (por extensão ao princípio do duplo). O terapeuta na relação não parte de hipóteses teóricas, apenas mergulha no papel em jogo. Desta maneira, flui tudo o que ele capta, consciente e inconsciente, do paciente. Além do contato consciente-consciente, há um contato inconsciente-inconsciente (o coconsciente e coinconsciente de Moreno) (FONSECA, 2010, p. 22).

E complementa:

Tanto a parte verbal como a ação dramática, sempre que possível, ocorrem em um espaço lúdico que é a zona intermediária entre o fora e o dentro, entre o consciente e o inconsciente do paciente e do psicoterapeuta, ou seja, da relação terapêutica. O clima lúdico que cabe ao terapeuta criar é o território onde acontece o insight (ver fenômeno, espaço e objetos transicionais de Winnicott (1975). (FONSECA, 2010, p. 25).

Na perspectiva do autor, paciente e terapeuta coparticipam de um encontro humano e a eficácia do terapeuta está em saber criar a condição do *inter*, de onde emergirá o fenômeno relacional. Além do foco no paciente e na relação terapeuta-paciente, Fonseca destaca que alguns momentos da psicoterapia estão centrados no próprio terapeuta, na maneira que esse recebe, sente e emite terapeuticamente.

O “ser junto com o outro”, da relação terapeuta-paciente é uma experiência mais *molecular*, diferente de uma perspectiva molar (aqui entrariam os modelos interpretativos). Pedro Mascarenhas faz, em seu texto “Ponto de vista do diretor de psicodrama” (1999) essa diferenciação tendo como referência os escritos de Guattari, Pavlovsky e Kesselmann. Para o autor, a forma molecular de direção em psicodrama se dá a partir do primeiro universo moreniano, isto é, a matriz de identidade total. Já a forma molar se dá à partir do segundo universo, da brecha entre fantasia e realidade. Nessa última, há um desenvolvimento da linguagem e da capacidade de simbolização, uma representação de mundo e é possível trabalhar na ordem da interpretação.

O primeiro universo (a experiência molecular) é vivido em estado caótico. Os significados não estão bem definidos e o ponto de vista do diretor/terapeuta se dá pelo que Pedro chama de “micropercepção, sem hipótese”, “linhas a-representativas”. A postura do

diretor/terapeuta na perspectiva molecular é de co-criação, co-experiência e co-ação e a experiência é vivida através dos fluxos e intensidades.

A produção do não sentido exige certo grau de tolerância, pois desperta o medo do vazio e está presente a vontade de voltar a se acompanhar de referências teóricas. Sensações de caos são entremeadas com ilhas de compreensão. Para suportar este estado é necessário aceitar o caos e o luto de estar só e desacompanhado de referência e de autores. É a solidão do criador. CRIA-DOR, como a própria palavra dividida evidencia. Pavlovsky chama de assassinato do pai o fato de ser necessário romper com o ponto de vista do segundo universo (molar) e com os seus acompanhantes referenciais, os autores. É necessário inventar formas próprias. A sensação de tempo é de impossibilidade de calculá-lo cronologicamente, semelhante aos estados oníricos. O ponto de vista do primeiro universo (molecular) trabalha com intensidades e fluxos (MASCARENHAS, 1999, p. 378).

Como sustentar com Aline o que se apresentava como insolúvel? Como ajudá-la a constituir-se pouco a pouco enquanto integridade capaz de arcar com as decisões, com as perdas, com as faltas? Vinha distanciando-se do esposo, também foi percebendo que já não queria viver uma relação simbiótica com a mãe, nem desejava ser uma mãe simbiótica com seu filho. O espaço da terapia era onde podia assumir as mortes que lentamente se permitia viver e as ausências com as quais estava se deparando.

Existe algo que acontece que não é da ordem da representação, mas que se inscreve no encontro possível entre paciente e terapeuta, no vínculo que ali se estabelece e que possibilitará (ou não) a emergência de um processo de constituição e reconhecimento do eu, especialmente quando se trata de alguém que se encontra num nível de *indiferenciação*. Eu precisei, como psicoterapeuta, desprender-me do nível representacional, permitir-me embalar no afeto do indiferenciado para presentificar-me numa escuta ampla, sem significados pré-concebidos. Interpretações e especulações causais me invadem a todo instante. Crio origens, matrizes e significados. No entanto, percebo que preciso deixar-me invadir afetivamente pela experiência processual de Aline. As interpretações me dão sustento, organização e paciência para permanecer nessa insolubilidade, mesmo que eu não as formule para a paciente.

As dramatizações são fragmentos a partir dos quais Aline encontra novos eixos disparadores nos quais se situa e se aprofunda até onde consegue, até onde suas defesas permitirem. Eu também preciso a todo instante situar-me dentro desse possível ou correria o risco de violentá-la com a minha técnica mal utilizada, com a minha própria temporalidade. Também precisei eu, como terapeuta, encontrar o entremeio de nós duas. Nesse entremeio, encontro experiências compartilhadas, por exemplo, de uma feminilidade historicamente situada e sujeitada, dentro de um sistema de micro e macro poderes.

Todavia, o que precisa ser captado é a maneira como ela vivencia esse modo de subjetividade que vem de nossas experiências sociais, históricas e institucionais.

### 3. A MATRIZ DE IDENTIDADE NUMA PERSPECTIVA AMPLIADA

As reflexões acerca do processo de diferenciação da paciente, seus desmames, os entraves e rupturas, e o modo como esse processo se desenvolveu na psicoterapia dizem respeito aos movimentos daquilo que no Psicodrama chamamos de Matriz de Identidade. Considero importante pontuar que optei por um ponto de vista do conceito de Matriz de Identidade como processo constante de renovação e atravessado por forças oriundas do lócus social. A cada papel que nasce renova-se algum aspecto da Matriz. Logo, os acontecimentos e emergência de gestos são transformadores de todo um conjunto de crenças e comportamentos do sujeito. Uma dança feita por solturas e paradas, rupturas e cristalizações, forças instituintes fazendo mover (ou não) conservas instituídas.

Na observação desse caso, pude observar duas forças que operam, mesmo que simultaneamente, durante o que comumente chamamos de desenvolvimento da Matriz de Identidade: 1) a internalização do modelo relacional do contexto no qual a pessoa está inserida, que diz respeito à identidade no seu aspecto mais social, ou seja, aos papéis sociais por ela desempenhados. Aqui há uma compreensão mais histórica da Matriz de Identidade que nos remete às marcas e cunhagens na história da paciente como, por exemplo, ser mulher, mãe, filha e religiosa; 2) o processo de singularização que aí ocorre, que tem a ver com o modo como a pessoa irá lidar no aqui-e-agora com tais modelos e diferenciar-se a partir deles. Aqui destaca-se o surgimento dos papéis psicodramáticos<sup>7</sup>, ou seja, a maneira singular como a pessoa se desenvolve.

É pertinente aqui adicionar a diferenciação feita pelo esquizoanalista Gregório Baremlitt (2002) sobre o que são as forças instituintes e instituídas para que possamos expandir a perspectiva acerca do conceito de Matriz de Identidade para além de uma noção linear e focada nos processos infantis. Essa visão é consonante com a discussão feita por Moreno a respeito das conservas culturais e o ato criativo:

O instituído é o efeito da atividade instituinte. Se vocês prestarem atenção a esses nomes, eles mesmos já estão dizendo alguma coisa com relação à diferença entre o instituinte e o instituído. O instituinte aparece como um processo,

---

<sup>7</sup> Segundo Moreno (2011, p. 28), os papéis são o funcionamento assumido pelo indivíduo quando reage a uma situação específica em relação com outras pessoas ou objetos. Os *papéis psicodramáticos* correspondem à “expressão dimensão psicológica do eu”. As outras duas categorias de papéis descritas por Moreno foram: os *papéis sociais* (dimensão social) e os *papéis psicossomáticos* (dimensão fisiológica).

enquanto o instituído aparece como um resultado. O instituinte transmite uma característica dinâmica; o instituído transmite uma característica estática, estabilizada. Então, é evidente que o instituído cumpre um papel histórico importante, porque as leis criadas, as normas constituídas ou os hábitos, os padrões, vigoram para regular as atividades sociais, essenciais à vida da sociedade. Mas acontece que essa vida é um processo essencialmente cambiante, mutante; então, para que os instituídos sejam funcionais na vida social, eles têm de estar acompanhando a transformação da vida social mesma para produzir cada vez mais novos instituídos que sejam apropriados aos novos estados sociais. Tem-se que evitar uma leitura do tipo maniqueísta, que pensa que o instituinte é bom e o instituído é ruim, embora seja verdade que o instituído apresenta, por natureza, uma tendência à resistência, uma disposição que se poderia chamar a persistir em seu ser, a não mudar, que quando se exacerba, se exagera, se conhece politicamente pelo nome de conservadorismo, reacionarismo. Pelo contrário, o instituinte aparece como atividade revolucionária, criativa, transformadora por excelência. Na realidade, não é exatamente assim, porque o instituinte careceria completamente de sentido se não se plasmasse, se não se materializasse nos instituídos. Por outro lado, os instituídos não seriam efetivos, não seriam funcionais, se não estivessem permanentemente abertos à potência instituinte (BAREMBLITT, 2002, p.30).

Essa separação é somente para compreensão das nuances de um mesmo processo. Trata-se, na verdade, de uma via de mão dupla na qual o pessoal e o social se inter-relacionam, se atravessam e se diferenciam a todo instante. Em relação ao caso de Aline, o que é aqui destacado é como ficou evidente nos atendimentos a existências dessas duas forças, gestos de desmame/singularização (ou individuação, como queiramos chamar), alinhavados a registros sociais e locais de uma vivência específica do feminino.

## 4. A MATRIZ DE IDENTIDADE, UMA ABORDAGEM TEÓRICA

### 4.1 MATRIZ DE IDENTIDADE SEGUNDO MORENO

O conceito de Matriz de Identidade foi criado por Moreno e desenvolvido por outros psicodramatistas. Por meio dele Moreno buscou explicar o desenvolvimento psicossocial da criança rumo ao reconhecimento de si, à capacidade de colocar-se no lugar do outro, permitir que o outro faça o mesmo com ela e, enfim, conquistar a inversão de papel. Caso ocorra satisfatoriamente, tal processo resultaria no desenvolvimento da autonomia, espontaneidade e criatividade. Autores pós-morenianos desenvolveram este conceito, dentre eles Fonseca (1980 e 2010) e Alfredo Naffah Neto (1990).

De acordo com Moreno (2011, p. 114) “a matriz de identidade é a placenta social da criança”, que é predeterminada pela configuração sociométrica familiar e pela matriz social. O processo de matrização inicia-se na concepção do bebê e tem como resultante a cunhagem da identidade psicossocial do indivíduo. Diz respeito às primeiras vivências subjetivas da criança e tem como base o conjunto das relações familiares, além da história dos seus membros, a qual engloba uma determinada matriz sociocultural que é incorporada e vivida na família.

No seu formato mais tradicional, desenvolvido por J. L Moreno e Florence B. Moreno, a Matriz de Identidade está localizada no desenvolvimento infantil e é concebida em estágios a serem galgados pelo indivíduo rumo à constituição de sua identidade. O desenvolvimento é realizado por meio da coexistência, co-ação e co-experiência do bebê com as pessoas que lhes são mais próximas e traçará as bases para a aprendizagem emocional da criança, sendo, por fim, a base psicológica para todos os processos de desempenho de papéis. Segue abaixo o modo como Moreno e Florence definiram a evolução da Matriz de Identidade:

- 1º Universo
  - 1º Período – Identidade Total: Pessoas (incluindo a própria criança), outros organismos vivos e objetos inanimados não são diferenciados pela criança, mas experimentados como uma multiplicidade indivisível:

A mamadeira pertence à mão que a segura e ambas pertencem aos lábios, no ato de mamar. As configurações que a criança experimenta são determinadas por atos; quer dizer, ela associa as partes de pessoas e coisas que se movem até ela como pertencentes a uma multiplicidade vinculada ao ato do momento (MORENO, 2011, p. 126).

- 2º Período – Identidade Total Diferenciada: objetos, pessoas e coisas, incluindo a própria criança, passam a diferenciar-se. Entretanto, ainda não existe diferenciação entre real e imaginário, animado e inanimado.
- 2º Universo - A Brecha entre a fantasia e a experiência da realidade:
  - Antes da brecha todos os papéis estavam fundidos num só conjunto, dos *papéis psicossomáticos*. A brecha ocorre quando a função da realidade passa a operar mediante interpolação de resistências exteriores à criança, provenientes de suas relações, das coisas, das distâncias no espaço e tempo. Surgem aqui dois novos conjuntos de papéis (com uma tênue linha que os diferencia):
    - Papéis psicodramáticos: equivalem ao mundo da fantasia, a imaginação.
    - Papéis sociais: equivalem a relação da criança com pessoas, objetos e metas no ambiente real, exteriores a si mesma.

Na definição de Moreno (2011), os três estágios (Matriz de Identidade Total, Matriz de Identidade Diferenciada e Brecha Entre Fantasia e Realidade) acontecem em cinco fases pelas quais a criança passa durante seu processo de cunhagem:

A primeira fase consiste em que a outra pessoa é, formalmente, uma parte da criança, isto é, a completa e espontânea identidade.

A segunda fase consiste em que a criança concentra toda a sua atenção na outra e estranha parte dela.

A terceira fase consiste em separar a outra parte da continuidade da experiência e deixar de fora todas as demais partes, incluindo ela mesma.

A quarta fase consiste em que a criança situa-se ativamente na outra parte e representa o papel desta.

A quinta fase consiste em que a criança representa o papel da outra parte, a respeito de uma outra pessoa, a qual, por sua vez, representa o seu papel. Com esta fase, completa-se o ato de inversão de identidade (MORENO, 2011, p.112).

#### 4.2 A MATRIZ DE IDENTIDADE SEGUNDO FONSECA

De acordo com Fonseca (1980), as condições em que são estabelecidos os vínculos iniciais durante as primeiras vivências sociométricas da criança irão inscrever-se em sua personalidade e serão alicerce na constituição da estrutura básica do indivíduo adulto. Essas primeiras vivências são constituídas por fatores ambientais, psicológicos, sociais e hereditários. A maneira como forem vivenciadas pelo indivíduo, como **realidade suplementar**, ou seja, como verdade subjetiva, irá produzir registros afetivos, corporais e psíquicos, atravessando e influenciando a globalidade do ser.

Esse processo de inscrição das vivências relacionais se dá por meio da memória orgânica e da memória evocativa (FONSECA, 1980). Na *memória evocativa*,

o conteúdo das vivências passadas pode ser alcançado e evocado pela lembrança. Já a *memória organísmica* é caracterizada por registros de vivências que não podem ser alcançadas pela memória evocativa. São registros de todas as experiências vitais, não somente relativas às relações humanas.

Quero dizer que o registro não se restringiria somente aos fatos tidos como psicológicos, mas também, aos biológicos e sociais, ou à integração deles. Todo acontecimento seria registrado na vertente pessoal da criança. (...) Ganha maior importância o fato vivenciado, do que o fato acontecido em si, como uma “realidade suplementar” (Moreno). A verdade relativa ou subjetiva, neste aspecto, é mais significativa do que a verdade absoluta ou objetiva. (FONSECA, 1980, p. 104).

Esse registro está localizado na globalidade do ser, não só no cérebro, mas em todo o seu corpo. Fonseca utilizou a imagem da “caixa preta” do avião para explicitar o que seria essa “memória protegida”<sup>8</sup>, mas que se faz tão presente em todas as vivências do indivíduo. De acordo com o autor, essas marcas de vivências continuam a inscrever-se na subjetividade do indivíduo por toda a vida, embora considere os primeiros anos de vida como a fase mais sensível da cunhagem e da apreensão de registros: “Isto não invalidaria, porém, as experiências da vida adulta, que poderão ser liberalizadoras em relação as cargas (“inscrites”) do passado, e remarcadoras de novas inscrições para o futuro” (FONSECA, 1980, p. 105). Aqui, Fonseca conta de um processo de cunhagem em constante construção e desconstrução, de um movimento dinâmico que pode reorganizar-se a cada nova experiência, a partir de cargas afetivas positivas ou negativas. Continua o autor:

Concebo o desenvolvimento psicológico e a estruturação do sujeito como um movimento espiralado de ida e de volta, que se interpenetra, sem seguir, necessariamente, uma ordenação cronológica. Os elementos constitutivos estão dispostos em tempos lógicos que obedecem a uma complexificação gradual, em que estados anteriores estão contidos nos posteriores. A *matriz de identidade* está internalizada no adulto como uma estrutura sociométrica viva sempre passível de ser acionada, com a finalidade tanto de influir como de ser influenciada por novas experiências” (FONSECA, 2010, p. 239).

Fonseca (1980) desenvolveu o conceito de Matriz de Identidade a partir da noção moreniana. No entanto, ele fez algumas alterações e contribuições. Podemos considerar, ao menos inicialmente, as referências que ele faz ao desenvolvimento que não se restringe à vida infantil, mas à Matriz que está em constante processo de formação da estrutura psíquica, reconfigurando-se a cada experiência vivida pelo indivíduo, em diferentes momentos de sua vida.

---

<sup>8</sup> Talvez aqui Fonseca estaria se aproximando do conceito freudiano de inconsciente (compreensão que não será desenvolvida neste texto, mas que acredito ser interessante um estudo mais aprofundado).

Nessa concepção do desenvolvimento humano, o psiquismo é considerado poroso diante das experiências, em constante construção, mesmo na vida adulta. Não penso que esse pensamento se diferencia da visão moreniana de homem em relação. No entanto, Fonseca o especifica e enfatiza com maior frequência.

Para Fonseca, em consonância com Moreno, o modo como o indivíduo vivencia seus primeiros vínculos irá inscrever-se em sua personalidade, criando a sua estrutura psíquica básica que fundamentará suas relações futuras. Daí a importância de compreender, durante o acompanhamento psicoterápico, a sociometria primária do indivíduo, assim como os fatores ambientais que o influenciaram no início de seu desenvolvimento.

Esses são os estágios da Matriz de Identidade desenvolvidos pelo autor, que podem ocorrer durante a infância, mas que também ocorrem em diferentes momentos da vida adulta:

- Indiferenciação – Após o nascimento, ainda não existe uma distinção da criança em relação à própria mãe, cuidadores e demais pessoas e objetos do mundo circundante. Todos são vivenciados como coexistentes. Não há distinção entre o Eu e o Tu, seja o Tu pessoa ou objeto. Ambos estão misturados. Período em que a criança é regida por mecanismos interoreceptivos, não sobrevive por si só e precisa de alguém que cuide dela, um ego-auxiliar (mãe, cuidador), que atua como duplo. Essa fase dá fundamento teórico à técnica psicodramática do duplo, pois a função do ego-auxiliar nesta técnica é de expressar o que o protagonista não percebe ou não consegue expressar por conta própria. Funciona como um consciente ou um inconsciente auxiliar:

De uma forma mais ampla, o “princípio do duplo” rege todo trabalho psicodramático, na medida em que o psicodramatista (diretor ou ego-auxiliar) funciona sempre como um ego-auxiliar, *lato sensu*, como um duplo. O protagonista seria a criança que precisa de algo, que busca alguma coisa que não encontra sozinha. Quer ajuda de alguém que a compreenda, que a capte (tele) e lhe proporcione condições para encontrar (FONSECA, 1980, p. 85).

- Simbiose – Com o desenvolvimento, essa vivência de unidade com o outro começa a diluir-se e a criança começa a discriminar o “outro”, o Tu e o mundo, embora ainda não o faça completamente. Aqui a criança ainda se encontra unida à mãe. A permanência dessa ligação pode gerar marcas na personalidade do futuro adulto e seu modo de ser no mundo, algo como a persistência de um cordão umbilical psicológico. Como não há reconhecimento do vínculo, pois o eu mantém-se unido

ao Tu, há uma alteração na comunicação, no “inter”, caracterizado por um funcionamento fincado na dependência psicológica.

- Reconhecimento do Eu – Momento de descoberta da própria identidade, do reconhecimento de si. Movimento em que a criança fica polarizada em si mesma, percebendo-se separada da mãe, das outras pessoas e dos objetos. “Fase do espelho” na qual destaca-se a percepção de uma individualidade, que serve de embasamento teórico para a técnica do espelho. Fonseca destaca aqui o modo como esse reconhecimento de si acontece em diversos momentos da vida da pessoa, não se restringindo à infância:

Esta fase corresponde ao “processos do reconhecimento do Eu”, ou, “fase do espelho”, e, a rigor, está sempre presente na história de um ser humano. Apresenta picos, sendo o mais importante, por ser básico, o primeiro, ou seja, o da primeira infância. O segundo pico é o da adolescência, e o terceiro o da passagem para a senectude. Constantemente o homem está nesse processo de auto-conhecimento que nunca chega totalmente ao seu fim, pois é inesgotável. As psicoterapias constituem-se em instrumentos coadjuvantes desse processo natural” (FONSECA, 1980, p. 87).

Na citação acima, percebe-se como Fonseca fala de uma Matriz de Identidade dinâmica, como picos que ocorrem em situações específicas da vida da pessoa, marcando momentos de entraves ou de passagem para um outro modo de relacionar-se consigo ou com o outro.

- Reconhecimento do Tu – Concomitantemente ao “reconhecimento do Eu” ocorre o “reconhecimento do Tu”. Trata-se do processo de aprendizagem do outro, em que a criança identifica a existência do outro e descobre que o outro sente e reage às suas iniciativas. Essa aprendizagem é fundamental para que se estabeleçam relações satisfatórias.
- Relações “em corredor” – O Eu e o Tu já estão reconhecidos, ocorrendo o que Moreno chamou de “Brecha entre fantasia e realidade”, na qual a criança passa a discriminar fantasia e realidade. Os relacionamentos são de caráter exclusivista e possessivo uma vez que o Eu sente que o Tu existe só para si, pois não consegue ainda captar as relações das pessoas à sua volta, sentindo-se única e central.
- Pré-inversão – Início do processo de inversão de papéis, momento em que a criança inicia o jogo no papel do outro (Tu), mas sem inversão pois não há reciprocidade. Trata-se de um treinamento da inversão de papéis. Por exemplo, brinca de ser mãe com a boneca ou com o irmão mais novo. O desenvolvimento desse processo só se completa na vida adulta, quando há o desenvolvimento télico da pessoa.

- Triangulação – O relacionamento que antes era bipessoal, em corredor, passa a ser triádico, ocorrendo a “crise de triangulação”. A criança percebe que não é única para o Tu, mas que existe um Ele que se relaciona com o seu Tu. Essa situação é marcada por sentimentos de desamparo, podendo haver uma boa ou má resolução da crise. A resolução ideal seria a criança passar a aceitar a realidade de que os outros têm relacionamentos independentemente dela, sem sentir-se, por isso, ameaçada de perda afetiva. Poderá relacionar-se com o Tu, com o Ele, e aceitar que o Tu e o Ele relacionam-se independente de si.
- Circularização – Momento em que a criança está preparada para relacionar-se com mais pessoas. Há uma complexidade maior nas relações, que podem ser diretas ou indiretas, de atração, rechaço ou indiferença. Representa a socialização, a entrada na vivência sociométrica dos grupos, com o Eles e em seguida no mundo do Nós, de sentir-se parte de um conjunto, passo importante para que seus futuros relacionamentos grupais e sociais ocorram satisfatoriamente.
- Inversão de papéis – Após todo esse treinamento de jogo de papéis, do Eu ao Nós, a plena capacidade de realizar uma relação de reciprocidade seria atingida por meio da comunicação verdadeira e profunda entre o Eu e o Tu. O Eu atinge a capacidade de se colocar no lugar do Tu e permitir que este se coloque em seu lugar, conhecendo melhor a realidade do outro e, conseqüentemente, a sua própria. Aqui há o desenvolvimento pleno da capacidade télica. O desenvolvimento da tele inicia-se na infância mas pode se aprimorar somente na vida adulta, através das inversões de papel que o indivíduo faz durante sua vida. O oposto à uma relação télica é a relação transferencial, quando o Eu relaciona-se com figuras internalizadas suas, e não com o Tu real. Sendo assim o Eu relaciona-se com os seus próprios fantasmas, o que constitui-se numa ligação adoecida.
- Encontro – A plena capacidade de inversão de papéis, onde há uma intensa liberação de espontaneidade-criatividade. As pessoas envolvidas fundem-se em uma reconexão com o cosmos, e retornam revitalizadas e fortalecidas em suas próprias identidades, “o Eu será mais eu e o Tu será mais Tu”, alcançando o momento ideal de saúde.

Mais recentemente, Fonseca (2010) continuou a desenvolver o conceito de Matriz de Identidade em seu texto “Intersecções entre Moreno e Lacan: a triangulação e o reconhecimento do ‘Ele’”. A partir de uma leitura lacaniana, Fonseca trata dos estágios da

Matriz e destaca o momento da triangulação, quando ocorre o reconhecimento do Ele, estágio não especificado por Moreno.:

Moreno não aprofunda o estudo do triângulo relacional na matriz de identidade. Em uma das poucas vezes que o aborda, comenta criativamente que, a rigor, ele seria composto por três complexos: de Laio, de Jocasta e de Édipo, ou seja, pelos sentimentos mobilizados sociometricamente nos três componentes e não em um só. A verdade é que essa lacuna permaneceu aberta na teoria moreniana, esperando por complementação. Rojas-Bermudez (1978) utiliza a expressão triangulação. Incluí a fase da triangulação em uma nova proposta da matriz de identidade em meu livro *Psicodrama da loucura* (FONSECA, 2010, p. 218).

Fonseca divide a triangulação em três tempos, tendo como referência os três tempos do Complexo de Édipo em Lacan. Essa temporalidade não é cronológica, tampouco biológica. É o tempo poético de Lacan, o tempo lógico das simbolizações realizadas das perdas e ganhos existenciais. Um tempo próprio do sujeito, vivenciado na situação relacional. Nessa perspectiva, as fases do desenvolvimento são registradas na memória organísmica, em um processo no qual cada etapa ressignifica a anterior. No Primeiro Tempo de Édipo, ainda próximo à vivência da fase do espelho, o bebê encontra-se assujeitado aos cuidados maternos e, portanto, acredita que a mãe é onipotente e possuidora do poder relacional. Aqui há uma total dependência em relação à essa mãe-matriz. Não há consciência do terceiro, e por isso acredita ter o poder relacional diante da mãe. Ocorrem as primeiras experiências de frustração pois, ao tentar tornar-se “sujeito”, o bebê encontra-se à mercê do outro.

No Segundo Tempo de Édipo há a saída do acoplamento materno ao perceber que a mãe busca outro alguém/algo, havendo assim consciência da sua ausência. Há uma dupla decepção: primeiro de sentir-se sem poder de atração da mãe; segundo por perceber a “fraqueza” da mãe em não bastar a si mesma e necessitar do outro, ou seja, assim como a criança, a mãe seria desprovida de poder. Ao terceiro é atribuído o poder relacional, o caráter castrador da interdição ao contato com a mãe – a norma, a lei. Nesse momento a ausência materna é preenchida pela presença simbólica do que Winnicott chama de objeto transicional, instaurando o princípio lúdico do brincar.

No entanto, a ausência da mãe em busca do terceiro é seguida pelo retorno. Ao perceber que a mãe recebe do terceiro e em seguida retorna, esse passa a ter sua função doadora reconhecida, tendo algo que pode circular pelo triângulo relacional. Então, o espectro relacional dual absolutista (Eu-Tu) é substituído por um espectro relacional triádico relativista (Eu-Tu-Ele), ocorrendo uma flexibilização psicológica. No terceiro tempo da triangulação há a descoberta do fluxo amoroso entre o primeiro e o terceiro,

havendo a dissolução do complexo de Édipo e estabelecendo uma organização básica da afetividade do futuro adulto.

É claro que esse poder transcende a qualquer pai real, que pode existir ou não, na medida em que estamos falando da lei simbólica instituída pelo terceiro da matriz de identidade. Falamos de função paterna, de metáfora paterna ou ainda do processo de inscrição simbólica do Nome-do-Pai no pequeno ser. (FONSECA, 2010, p. 224).

Particularmente, considero que essa perspectiva parte de uma construção social de gênero específica, hegemônica na sociedade em que vivemos, de caráter falocêntrico e fundamentada num familiarismo que tende a ser fechado em si mesmo. Percebo que há ainda uma conserva em um modelo familiar baseado no triângulo pai-mãe-filho com suas respectivas características de gênero, aos moldes do patriarcado. À mãe é concedido o espaço privado, de passiva e dependente. Já o homem é concebido como maior portador do poder, aquele que provém, que determina e que transita fora das paredes do lar/matriz. Hoje em dia esse tipo de terminologia está desatualizada em relação às diferentes configurações familiares e aos empoderamentos femininos já alcançados, reproduz e produz uma ordem de discurso típica de um patriarcado dominante.

Não digo, contudo, que o modelo familiar patriarcal tenha acabado. Acredito ainda estarmos distante dessa realidade e continuamos a ver que diversos sofrimentos que chegam à clínica tem a ver com essa ordem de poder. O que problematizo neste momento é o fato de a psicologia continuar a reproduzir essa ordem e tender, ao deparar-se com esses sofrimentos, a individualizar a questão como algo restrito a um mundo interno da pessoa. O saber psi tende, facilmente, a ser mais um dispositivo produtor de discursos ordenadores da sociedade, dentro de uma lógica específica de poder. Aqui a psicologia cai num nó importante de ser visto: esse saber não só trata da subjetividade como produz subjetividades, não só trata do sofrimento humano como pode tender, ela mesma, a reproduzir discursos adoeceadores que se propõe, concomitantemente, a tratar.

A sexualidade, afirma Foucault, é um "dispositivo histórico" (1988). Em outras palavras, ela é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem "verdades". Sua definição de dispositivo sugere a direção e a abrangência de nosso olhar: um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas (...) o dito e o não-dito são elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 1993, p.244) (LOURO, 2000, p. 5).

Não acredito que exista neutralidade em nenhuma esfera do saber. Por isso considero interessante que nas produções teóricas em psicologia e, neste caso, no

psicodrama, possamos identificar:

- 1) Quais ideologias, crenças e moralidades atravessam os discursos;
- 2) A partir de quais lugares esse discurso é produzido (sexo, identidade de gênero, classe social, identidades raciais, região geográfica, etc.);
- 3) Quais modos de subjetividades produz. É com esse olhar que seguiremos ao próximo tópico.

### 4.3 SOBRE UMA MATRIZ CONTEXTUALIZADA

Naffah Neto (1990) também trabalhou com o conceito de Matriz de Identidade, trazendo a dimensão cultural, social e histórica, influenciado pela dialética Hegeliana e o pensamento marxista. Em suas reflexões sobre Matriz de Identidade, a noção moreniana de sujeito como ser-em-relação é expandida para além dos vínculos interrelacionais entre o bebê e sua família, uma vez que essa é comprometida e propagadora de toda uma ordem da cultura na qual está inserida. A história pessoal está contextualizada numa determinada história coletiva, movimento dialético no qual papéis privados e sociais estão dialogando e entrando em conflito a todo instante.

E, no horizonte da história pessoal, surge-nos, com todo o seu peso estruturante e modelador, a História Coletiva. Entretanto, nesse ponto já vemos o quanto a conceituação moreniana é insuficiente. Pois, se a teoria da espontaneidade-criatividade pode nos dizer algo sobre a conservação de uma determinada forma de papel e se a sociometria permite-nos, inclusive, descrever a estrutura familiar que presidiu essa conservação, ambas são mudas em relação ao porquê da especificidade constitutiva daquele papel e daquela estrutura familiar. E isto porque a teoria moreniana se cala sobre tudo que diga respeito ao processo histórico e suas articulações concretas (NAFFAH NETO, 1990, p. 67).

Além da inscrição do modelo relacional familiar, o processo de matrização diz respeito à inscrição subjetiva de uma série de códigos sociais, atravessamentos econômicos, institucionais e culturais na subjetividade da criança. Ainda na indiferenciação, a criança já está circunscrita, segundo Naffah, no papel social de filho, o que implica desde já um certo modelo de família. Eu ainda acrescentaria mais uma série de outros papéis que penetram, progressivamente, no ser por meio do contexto, atravessando toda e qualquer situação de sua constituição enquanto sujeito e individualidade.

Um exemplo bastante pertinente para este trabalho são os registros e expectativas em relação aos papéis sociais de gênero que são incessantemente introduzidos durante o desenvolvimento infantil, mesmo que essa assimilação venha ao longo da vida. Uma criança de três anos já sabe se sua cor favorita é rosa ou azul ou se seu brinquedo de

referência é um carrinho ou boneca, muito provavelmente a partir do gênero ao qual está identificada. Outro exemplo é da criança branca que tem em casa, ao seu dispor, trabalhadores domésticos negros, num vínculo que pode reproduzir uma situação social de privilégios, racismo e opressão. O bebê não se sabe dentro dessa situação, de modo que a reproduz ao longo da vida, podendo ou não desenvolver um senso crítico em relação a isso.

O significado de furar a orelha da bebê do sexo feminino ainda na maternidade, as cores das roupas, a escolha do nome, o tipo de brinquedos, o tipo de preocupação que o cuidador vai ter com o corpo da criança. O processo de matrização é uma intensa apreensão de mundo, cravado em cada detalhe cotidiano, muito além dos vínculos interindividuais. É algo que começa a acontecer quando ainda não existe um Eu constituído. Por um movimento especular a criança reconhece-se e diferencia-se, mas também constitui-se como sujeito numa determinada cultura.

São diversas as vias de contato com o mundo, constituidoras de subjetividade. No livro *Crítica e Clínica* (1997), o filósofo Deleuze faz uma reflexão crítica a Freud, mas que concerne também à noção de Matriz de Identidade como é frequentemente compreendida: uma teoria do desenvolvimento linear e baseada nos vínculos filho-mãe-pai, ou seja, uma perspectiva familiarista e comumente isolada do meio:

É como se os pais tivessem lugares e funções primeiras, independentes dos meios. Mas um meio é feito de qualidades, substâncias, potências e acontecimentos: por exemplo a rua e suas matérias, como os paralelepípedos, seus barulhos, como o grito dos mercadores, seus animais, como os cavalos atrelados, seus dramas (um cavalo escorrega, um cavalo cai, um cavalo apanha...). O trajeto se confunde não só com a subjetividade dos que percorrem um meio mas com a subjetividade do próprio meio, uma vez que este reflete naqueles que o percorrem (DELEUZE, 1997, p. 83).

E complementa:

Ora, os próprios pais são um meio que a criança percorre, com suas qualidades e potências, e cujo mapa ela traça. Eles só tomam a forma pessoal e parental como representantes de um meio num outro meio. Mas é errôneo fazer como se a criança primeiro estivesse limitada a seus pais e só chegasse aos meios *depois*, e por extensão, por derivação. O pai e a mãe não são coordenadas de tudo o que o inconsciente investe. Não existe momento algum em que a criança já não esteja mergulhada num meio atual que ela percorre, em que os pais como pessoas só desempenham a função de abridores ou fechadores de portas, guarda de limiães, conectores ou desconectores de zonas. Os pais estão sempre em posição num mundo que não deriva deles. Mesmo no caso do bebê, os pais se definem em relação a um continente-cama como agentes nos percursos da criança (DELEUZE, 1997, p. 84).

Não se trata de uma negação dos processos intersubjetivos filho-mãe, filho-pai, etc., mas de uma abertura ao fato de que a criança se encontra imersa em um meio, que é por ele afetado a todo instante, não restringindo a constituição de sua subjetividade às relações com os familiares mais próximos. Deleuze escreve desde uma ótica cartográfica,

que supõe uma superposição de mapas afetivos a partir dos trajetos realizados, com seus deslocamentos, impasses e aberturas, limiars e clausuras.

O inconsciente aqui não funciona por derivação ou armazenamento de fatos, mas com diversas vias de entradas das mais diferentes substâncias ou velocidade, por um contínuo estado de afetação nos trajetos percorridos, em devir. Não existe uma raiz, um único eixo ou estrutura gerativa, mas trajetos e afetos que se intercambiam, num constante vir a ser que não se conclui, não se fecha, não imita, tampouco regride.

Esse olhar mais crítico ao modelo familiarista tem como objetivo multiplicar os pontos de vista acerca do processo de matrização. Naffah transita pelos diferentes enfoques na Matriz de Identidade, passando pelo social, institucional e histórico e nesse alinhamento discute também como se dá a matrização ao *nível intrapsíquico*, ou seja, de como a subjetividade assimila as experiências vividas.

Ao tratar das conceituações quanto ao nível em que se dá o processo de matrização, por exemplo, *interpsíquico* ou *intrapsíquico*, parece-me um tanto rígido pensar que ela ocorra isoladamente em qualquer um dos níveis. Também há o risco de conservarmos-nos numa polarização/isolamento em relação ao âmbito psíquico ou social (questão que será discutida mais adiante), ou mesmo uma oposição entre eles, como se fosse possível um isolamento de partes que constituem um mesmo processo. Minha posição é de um certo incômodo na rigidez da articulação ou não entre o dentro e o fora. Prefiro pensar num processo de matrização mais poroso e contínuo, em que são considerados os processos coletivos assim como os processos de singularização. Seria esta uma perspectiva do transpsíquico enquanto dimensão que atravessa todas as outras? Vamos voltar à maneira como Naffah aborda essa questão, com o foco nos processos psicológicos, já considerando os diferentes atravessamentos que influenciam diretamente a constituição/produção da subjetividade.

Durante o processo de *reconhecimento do eu*, a criança ainda desconhece-se enquanto identidade social, não se percebe ocupando um papel e uma posição numa família. Há a vivência corporal de pessoa privada, que se acredita como centro do universo, vivência de acentuado egocentrismo e voluntarismo. Segundo o autor, assim como a criança consegue dominar sua própria imagem no espelho, espera dominar a todos que a cercam, à mercê de suas próprias vontades, em papéis e posições que somente dizem respeito ao seu mundo pessoal e privado.

O momento da brecha entre fantasia e realidade é posterior ao reconhecimento do eu, assim que a criança começa a ter resistências do mundo exterior aos seus desejos e

egocentrismo. Segundo o autor, tais resistências vêm por parte dos pais, como também da própria realidade. A distinção entre fantasia e realidade se dá pela percepção das limitações da realidade: nesta, seu espaço de poder é limitado, já na fantasia pode vivenciar o sentimento de onipotência. Na perspectiva do autor, a *função psicodramática* surge quando a criança começa a simbolizar diante da limitação que o adulto representa.

Sentindo-se ameaçada pelas limitações do adulto, a criança começa a identificar-se com ele; isso como forma de reconquistar imaginariamente o poder perdido. Mas ao identificar-se com o adulto e representar ludicamente o seu papel, a criança conquistará aquilo que Moreno denomina *função psicodramática*, capacidade de jogo simbólico onde inverte papéis com os pais e descobre, através da vivência, a rede de papéis sociais na qual está inserida sua identidade. A *função psicodramática*, como capacidade de catalisar o imaginário e transformá-lo em ação, de reunificar fantasias e realidade numa ação espontânea de conquista simbólica do mundo, transformará o corpo num *agente de conhecimento*. (NAFFAH NETO, 1990, p. 25)

Com o desenvolvimento da *função psicodramática* a espontaneidade transforma-se numa função criativa. A criança desenvolve a capacidade do “como se”, de jogar com o papel do outro através da vivência psicodramática. Caso consiga atingir essa fase o indivíduo poderá tocar o real, situar-se, catalisar o imaginário e transformá-lo em ato criador. Sua posição pode ser conhecida e transformada, os papéis recriados.

A não constituição desse “corpo-cultural” ou “corpo-simbólico” significaria a impossibilidade de se reconhecer e reconhecer o outro, de realizar relações télicas. Nesse caso a criança continuaria cristalizada como um corpo-pessoal ou como corpo-parcial, a depender da fase na Matriz de Identidade onde seu desenvolvimento fez-se conserva. Por exemplo, o corpo-parcial nas somatizações do histérico e na vivência de desproteção do fóbico; ou o corpo-pessoal na personalidade psicopática, onde não é assimilado o limite cultural; e do obsessivo, que por medo de enfrentar a ameaça de quebra do seu mundo privado e imaginário sucumbe à Ordem Cultural.

## 5 ALGUMAS REFLEXÕES A PARTIR DA ESCRITA DO CASO

Dois pontos chamaram-me atenção durante a escrita desse texto, aos quais já me referi em alguns momentos acima, mas separei este espaço para trazer algumas reflexões e adentramo-nos um pouco mais. O primeiro nomearei de *Dicotomia indivíduo-sociedade*. O segundo ponto é uma discussão sobre a questão do feminino e como esse é um ponto cego na clínica psicodramática.

### 5.1 DICOTOMIA INDIVÍDUO-SOCIEDADE

O desejo de discutir a questão da dicotomia indivíduo-sociedade surgiu a partir de um estranhamento durante a escrita do caso e, igualmente, quando desenvolvi aqui o conceito de Matriz de Identidade. Em alguns momentos da escrita do caso e da teoria, percebi uma tendência das teorias psi em explicar os acontecimentos restritamente a partir da ótica do mundo interno do indivíduo. Este é um ponto de vista comumente assumido na psicologia/psicodrama que aqui está sendo problematizado.

A questão apareceu como um problema quando parecia bastar em si mesma e, mesmo que fossem citados atravessamentos do contexto mais amplo, não pareciam ter qualquer valor diante de conflitos que se restringiam à ordem do intrapsíquico e interpsíquico. O mundo relacional pareceu restringir-se à dois termos: indivíduo (intrapsíquico) e família (interpsíquico). Quando encontrei, em outras literaturas, um olhar para uma subjetividade que inclui outros sistemas, pré-individuais, pré-pessoais, extra-pessoais e extra-sociais (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005).

Parece haver uma tendência na psicologia de modo geral, e também no Psicodrama (especialmente quando delimitamos o foco psicoterápico) em separar fenômenos psicológicos de fenômenos sociais, como se um fosse exterior ao outro, tendendo a compreender seu campo de conhecimento como pertencente ao primeiro, ao “mundo interno”, o individual, pessoal, o que pode produzir um psicologismo isolado e descontextualizado. Quando muito, que se “expande” às paredes do lar, às relações entre os familiares. A problematização da dicotomia indivíduo-sociedade funciona aqui como um multiplicador de sentidos.

Existem diferentes pontos de vista em relação ao tema da dicotomia estabelecida entre indivíduo e sociedade, comumente considerados como polos opostos e preexistentes à sua interação. Nessa oposição ora prevalece uma concepção frequente no

pensamento liberal de *indivíduo* enquanto realidade em si mesmo, indiviso, livre e autônomo, ora o indivíduo é considerado como determinado pelo meio social. Singularidade e coletividade são concebidos como um par de contrários a partir de um paradigma disjuntivo, sendo comum que essa tensão seja resolvida pela via do psicologismo ou do sociologismo.

De acordo com Kastrup e Escóssia (2005), essa lógica dicotômica tem seu fundamento no projeto da modernidade, quando houve uma tendência à purificação dos saberes, o que legitimou o estabelecimento de fronteiras entre eles, por exemplo, a divisão entre psicologia e sociologia. Ou mesmo na psicologia, quando da divisão entre a psicologia do indivíduo/pessoal e a psicologia social. Está implícita a lógica dicotômica de oposição dos termos. Nessa concepção, o indivíduo é entendido como um ser existente em si mesmo, com contornos bem definidos, desconsiderando os processos coletivos através dos quais se constitui.

(...) indivíduos e sociedade não podem ser analisados como objetos naturais que preexistem às relações ou às práticas de uma época, de um povo, de uma cultura. São antes as práticas datadas que objetivam o indivíduo e a sociedade, de maneira igualmente datada. O que significa dizer que indivíduo e sociedades são objetos históricos e, portanto, múltiplos, uma vez que dependem das múltiplas práticas e relações que podem ser estabelecidas em cada época, cultura, país, cidade, família, etc. (ESCÓSSIA; KASTRUP, 2005, p. 298).

A partir dessa primeira percepção, surgiu um segundo estranhamento: ao cair no psicologismo, a psicologia (e mesmo o psicodrama) pode tender a desconsiderar aspectos históricos e processos coletivos que produzem e caracterizam muito do que é considerado patologia ou sofrimento individual do paciente. Compreendo que existe um sofrimento da pessoa em questão, o modo singular como ela lida com os afetos, mas o problema de resumirmos o sofrimento ao nível individual está em produzir uma naturalização ou isolamento desse e, conseqüentemente, da pessoa, sem considerar as condições em que foram ou continuam a ser produzidos.

No caso aqui discutido, por exemplo, uma das “brechas” possíveis foi Aline ter se permitido compreender que se encontrava num lugar de isolamento e imobilidade por não questionar a religião e família às quais pertencia. Ela conseguiu perceber que, para mover-se em seus desejos, precisou entender quais expectativas eram da ordem do familiar e da religião e quais eram as suas próprias expectativas em um momento específico. Fazer esse descolamento da Matriz familiar, observar seu lócus, atualizar-se nos afetos que a mobilizavam e contrariar algumas dessas definições de papéis familiares, religiosos e de gênero foram momentos marcantes do processo psicoterápico e para a tomada de algumas

decisões importantes. Esses foram alguns dos seus principais desmames aos quais referia-se. Olhar para o psíquico considerando significativamente os processos coletivos, para quem sabe haver algum descolamento (singularização/diferenciação) possível. Abrir para gestos de diferença serem produzidos diante de tantas repetições.

## 5.2 A QUESTÃO DO FEMININO: PONTO CEGO NA CLÍNICA PSICODRAMÁTICA?

No caso discutido, optei por destacar a questão do feminino enquanto problema principal de um psicologismo descontextualizado. Por vivermos em uma sociedade predominantemente patriarcal é observado que o discurso na psicologia e no psicodrama muitas vezes tende a cair nesta lógica, isolando a mulher em sofrimentos que dizem respeito à uma ordem de discurso que está além dela, que é um tanto adocedora. Desnaturalizar essa questão tem, para mim, um efeito importante, de diluir o isolamento no qual a mulher está imersa e muitas vezes responsabilizada ou culpabilizada.

A pessoa desde o seu nascimento está inserida numa série de registros discursivos, dos mais abrangentes e heterogêneos. Dentre os primeiros e mais marcantes (senão o mais), estão os registros relacionados à identidade de gênero, por exemplo, do que é “ser mulher”. Os gêneros, assim como papéis relacionados a ele, são inscritos nos corpos, nos comportamentos, nos modos de a pessoa perceber e sentir as relações e a si mesma, produzindo subjetividade a todo instante.

A matriz de identidade é, na perspectiva Moreniana, a placenta social onde mergulham as raízes da criança. Trata-se do grupo social que oferece a ela uma certa experiência de afetividade, nutrindo-a física e psiquicamente. Segundo Ana Maria Ramos Seixas:

A matriz de identidade também vai transmitir à criança a herança cultural, os signos do meio a que pertence e um conjunto de valores, crenças, mitos, modelos de relacionamento, padrões de comunicação, preparando-a para incorporar-se gradativamente à sociedade (SEIXAS, 1998, p. 222).

Nos textos morenianos encontramos a teoria do momento, uma análise do que é o momento, o que acontece na origem de um ato ou ideia. São três fatores que correspondem à um mesmo processo: 1) *Locus Nascendi*, ou a dimensão espacial do momento, zona onde uma determinada ação acontece e os elementos atuantes; 2) *Status Nascendi*, ou a dimensão temporal do momento, a transformação que ocorre no tempo e; 3) *Matrix*, ou o foco, a parte nuclear do processo no qual coincidem diversos componentes que respondem ao momento como um todo.

A matriz de identidade faz parte de um lócus social no qual códigos acerca do “ser mulher” marcam e são marcados pelo contexto histórico, cultural e social no qual está inserida. Não existe, portanto, um feminino deslocado dessas referências de gênero, mesmo que durante da vida sejam modificadas e atualizadas.

Mesmo com todas as mudanças decorrentes da entrada da mulher no mercado de trabalho, mudanças nas formas de relacionamento afetivo, ascensão do movimento feminista e todas as conquistas decorrentes dele, muitos dos papéis sociais relacionados a mulher continuam a ser construídos e naturalizados, considerando-nos prioritariamente como dependentes, frágeis, maternais, passivas, emocionalmente instáveis, responsáveis pelos assuntos domésticos, etc. Propor uma reflexão acerca do universo feminino implica em trazer à tona o alcance desses códigos no universo relacional da mulher. Universo relacional é aqui compreendido a partir da noção moreniana do *ser em relação*, assumindo papéis e contrapapeis, seja no contexto familiar, comunitário, profissional, etc.

Dentre as definições morenianas, está a de que “o papel pode ser definido como uma unidade de experiência sintética em que se fundiram elementos privados, sociais e culturais” (2011, p. 238). Moreno afirma ainda que os papéis não decorrem do eu, mas, ao contrário, são os papéis que constroem o eu por meio do desempenho dos papéis que o indivíduo se relaciona com o mundo. Sendo assim, algumas perguntas percorrem esta escrita:

- Como essas referências relacionais produzem subjetividades acerca do “ser mulher” em nossa sociedade?
- Até que ponto esses registros atravessam as experiências pessoais das mulheres?
- Referências de gênero que instituem comportamentos e modos de relacionar-se podem ser considerados, numa linguagem moreniana, como conservas culturais?
- Como reconhecer quando sofrimentos trazidos em psicoterapia estão relacionados à tais cristalizações de papéis femininos / modos de relacionar-se?
- Como a psicologia e o psicodrama tendem a reproduzir essas categorias sociais de gênero?
- Qual a postura do terapeuta a respeito dessa contextualização dos papéis sociais de gênero?

Por exemplo, o conceito de *clusters* no psicodrama está atravessado por toda uma ideologia de gênero. Naturalizamos as dimensões dos *clusters* (função paterna,

materna, fraterna) e não olhamos criticamente os significados socialmente atribuídos aos papéis de gênero que estão aí presentes.

Para compreender como se deu todo esse processo de definição de papéis femininos, recorri aos escritos de Maria Rita Kehl (2008) em seu livro “Deslocamentos do feminino”. A autora retoma uma importante noção da feminilidade enquanto construção cultural de gênero que implicou em um modelo de feminino pautado, principalmente, pelo lugar designado às mulheres durante o projeto da modernidade. A construção dos papéis femininos nesse processo foi diretamente implicada na nascente noção de família e de mundo privado.

No século XIX a modernidade consolidou diversos padrões e discursos que organizou a vida das pessoas e marcou os corpos e comportamentos até os dias atuais. O projeto moderno marcou as subjetividades com a crescente moral burguesa, nascimento da família nuclear e conseqüente separação entre os espaços públicos e privado, produzindo um novo tipo de sujeito, adequado à esta realidade. Para a perpetuação das configurações familiares foram produzidos dois dispositivos de controle (FOUCAULT, 1988): o dispositivo de aliança (jurídico-institucionais) e dispositivo de sexualidade. É aí que se contextualiza a constituição da feminilidade tal qual a conhecemos atualmente, objeto de controle e agenciamento libidinal aos quais a resposta possível seria, segundo a autora, a neurose.

É essa a mulher que se transformou em sujeito dos estudos freudianos, as clássicas histéricas<sup>9</sup>. No projeto da modernidade aconteceu o que a autora nomeou de “Domesticação das mulheres”. O processo de constituição da família nuclear e do lar burguês produziu um padrão de feminilidade que perdura no imaginário até os dias atuais. Nele, a mulher é responsável pelos assuntos domésticos e pela maternidade, dona do espaço privado e da harmonia do lar; enquanto ao homem seria privilegiado o espaço das negociações e relações sociais.

Há aqui uma tendência em definir a mulher a partir de sua natureza anatômica, de uma única perspectiva: daquela que gera vida em seu ventre, a mulher-mãe, a mulher do útero, geradora dos filhos, acolhedora, cuidadora... A mulher que guarda os filhos em seus braços até que o poder paterno seja reconhecido. O útero definiria todo o comportamento emocional e moral da mulher, assim como o seu lugar social do lar e da maternidade. O

---

<sup>9</sup> Na atualidade, seriam as “recalcadas” das letras de funk?

imaginário social tende comumente a esquecer que também nesta mulher existe o clitóris<sup>10</sup>, que diferentemente do pênis não possui outra função (reprodutora) senão a de sentir prazer. Diversas mulheres que não se sabem portadoras/conhecedoras desse órgão de prazer chegam aos consultórios em busca de psicoterapia para tratar de questões relacionadas à sexualidade.

Não seriam essas as mulher da Matriz de Identidade, isto é, a Mulher-Matriz-de-Identidade, mulher identificada com a própria Matriz? Na Teoria dos Clusters, ou mesmo a Teoria da Matriz de Moreno, existe uma definição do papel feminino a partir de uma identificação anatômica da mulher com o seu próprio útero. Como se a criança fosse aos poucos saindo desse útero/ninho/colo/simbiose até que haja o corte do terceiro (que, a depender da perspectiva pode ser o pai, o real, o Outro).

Existem outras diferentes perspectivas acerca do simbolismo do útero, considerado como órgão da criatividade, um “segundo cérebro” feminino, local de vivência dos lutos e renascimentos simbólicos, fecundidade de ideias. Gosto de considerar esses outros aspectos simbólicos da anatomia feminina, da fecundidade relacionada à criatividade, e não prioritariamente enquanto berço dos cuidados e amparos do outro. Não estou anulando essa possibilidade, mas problematizo como aconteceu uma polarização dessa função da mulher/matriz/útero dentro de papéis específicos que respondem a demandas sociais específicas.

Atualmente sabemos que também o papel materno não é algo que acontece naturalmente. Elisabeth Badinter (1985) problematizou a concepção de instinto materno, afirmando tratar-se de um mito, não havendo uma conduta materna universal e necessária. Também Margareth Hilferding (1991) desmistificou, no Círculo Psicanalítico de Viena em 1911, as ideias de pureza e naturalidade do amor materno. Vale lembrar que em outros momentos da nossa história essa “função materna” era realizada por amas de leite ou outras pessoas, tipo de cuidado que assume outras configurações na atualidade, delegado a babás, avós, pais, irmãos, professoras.

Maria Rita Kehl pontua a existência de um tipo específico de alienação subjetiva da mulher. Ao estar restrita aos âmbitos do lar, da maternidade e do mundo privado, tende a conservar-se em um lugar de invisibilidade social, o que implica em uma restrição em seu repertório existencial, uma vez que atua em um número restrito de papéis:

---

<sup>10</sup> Cf. documentário “Clitóris, prazer proibido”, de Michèle Dominici (2003)

A domesticação das mulheres foi responsável pela criação do mito do mistério feminino: de alguma forma, os homens pressentiram a magnitude das forças que a educação recalcou nas mulheres em nome da redução da complexidade dos papéis que uma esposa/mãe tem de representar. “Se a complexidade é uma ameaça à personalidade, a complexidade deixa de ser uma experiência social desejável”, escreve Sennett (p. 227), relatando a seguir uma série de sintomas físicos manifestados pelas mulheres – anemias, prisões de ventre, fobias, em consequência de sua luta cotidiana para controlar os próprios impulsos, quando eles não se coadunavam com a ordem familiar. “Virgindade, pureza, permanência de sentimentos, ausência de qualquer experiência ou de qualquer conhecimento de outro homem: daqui proviriam as futuras queixas históricas sobre a vida” (p. 228). (KEHL, 2008, p. 68).

Essa ideia de variabilidade dos papéis desenvolvidos é importante no pensamento psicodramático, para o qual a noção de saúde está diretamente relacionada a possibilidade do indivíduo desempenhar espontânea e criativamente diversos papéis. O oposto disso é a cristalização em um papel ou modo de ser específico, resultando em um estreitamento ao nível relacional:

Quanto menos papéis em jogo uma pessoa tiver, mais dependente e inseguro será seu comportamento. A *teoria dos papéis* emerge da sociometria, a partir do pressuposto de que cada rede sociométrica, cada vínculo, é exercido a partir de um papel definido como unidade psicossocial de conduta. Moreno postula que é o papel o que estrutura o eu e não o contrário. (BUSTOS, 1979, p. 20).

Essa observação é pertinente na discussão do caso de Aline. Ao perceber que havia abandonado a vida profissional e vida social para cuidar da casa e do filho, ela acessou um nível aterrorizante de isolamento social que a compelia a manter-se em uma relação que não mais a satisfazia. Havia medo dos papéis que não estava desempenhando, aos quais renunciou na condição do casamento. O contrário também aconteceu ao seu companheiro que sofria por não conseguir corresponder à expectativa de um masculino socializável e provedor.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar a historicidade do feminino, que é muito mais ampla e complexa do que descrito aqui, e trazê-la para a psicologia e psicodrama tem como objetivo multiplicar as perguntas ante à prática profissional e ampliar os sentidos de nossas reflexões. Pergunto se esse ainda não é um grande ponto cego na psicologia e também no psicodrama. Muito da literatura encontrada acerca da questão do feminino são de textos feministas ou psicanalíticos e, por isso, considero importante trazer esses questionamentos para dentro de nossa teoria dos papéis que muito tem a dizer acerca dos papéis de gênero se vista numa perspectiva ampliada.

Ao deparar-me com o caso trabalhado neste texto, tive a intenção inicial de escrever somente sobre o “mundo psíquico” de Aline, suas emoções, seus entraves, as cenas mais marcantes e os movimentos que foram surgindo com o processo psicoterápico. Porém, eu mesma me encontrei com os entraves do ser mulher na sociedade em que vivemos e destacaram-se os entraves do feminino na própria teoria psicodramática.

Senti isso ao me deparar com um caso que tratava de um modo de relacionar-se pela complementaridade, e as tentativas da pessoa em sair dessa repetição, percebi que ela não estava sozinha aí. A própria teoria, os escritos sobre Matriz de Identidade e sobre Clusters, tinha um lugar específico para a mulher, que era, ele mesmo, característico pela dependência e a ligação com o lar. Percebi que ao homem também fora definido um lugar, de aquele que promove a ruptura, o encontro com a cultura, o universo simbólico, o espaço público.

Fui tomada por um incômodo paralisador, não me parecia fato que a mulher devesse continuar a ser vista prioritariamente partir desta perspectiva, reproduzindo discursos que são eles mesmos produtivos de uma série de enclausuramentos sofridos pelas mulheres. Na literatura encontrei registros de um feminino que foi pautado na modernidade, e embora falemos do momento contemporâneo ou pós-moderno e já haja uma série de transformações do feminino no sentido de um empoderamento, ainda vivemos à sombra desses moldes.

O texto então tomou outro rumo, mais questionador, movido à estranhamentos dos processos sociais para além de explicações acerca dos processos psíquicos da paciente. Neste momento, Aline deixou de estar sozinha, pois passou a estar acompanhada de tantas outras mulheres que são identificadas aos seus sofrimentos, numa solidão que é ela mesma

adoecedora, pois opõe as questões tidas como individuais aos processos coletivos que as engendram.

Espero ter conseguido, com essa escrita, produzir outros olhares acerca do feminino na clínica psicodramática, que possam de algum modo enriquecer o encontro terapêutico e os seus possíveis desfechos. Que o psicodrama caminhe atualizado (e atualizando) as transformações sociais, especialmente aquelas que produzam autonomia, criatividade e espontaneidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CUKIER, Rosa. **Palavras de Jacob Levy Moreno**: vocabulário de citações do psicodrama, da psicoterapia de grupo, do sociodrama e da sociometria. São Paulo: Ágora, 2002.

BAREMBLITT, G. F. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1996.

BATINDER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BUSTOS, D. M. **Perigo... amor à vista**. Drama e psicodrama de casais. São Paulo: Aleph, 1990.

\_\_\_\_\_. **Perigo... amor à vista**. Drama e psicodrama de casais. São Paulo: Aleph, 2001, 2ª ed.

\_\_\_\_\_. **O Teste Sociométrico**: Fundamentos, técnica e aplicações. São Paulo: Brasiliense, 1979.

DA ESCÓSSIA, L., KASTRUP, V. “O conceito de coletivo como superação da dicotomia indivíduo-sociedade”. In: **Psicologia em estudo**, v. 10, n. 2, 2005, pp. 295-304.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1997.

FONSECA, J. **Psicodrama da loucura**: Correlações entre Buber e Moreno. São Paulo: Ágora, 1980.

\_\_\_\_\_. **Psicoterapia da relação: elementos de psicodrama contemporâneo**. São Paulo: Ágora, 2010.

\_\_\_\_\_. “Interseções entre Moreno e Lacan: a triangulação e o reconhecimento do Ele.” In: **Lacaneando**: ideias, sensações e sentidos nos seminários de Lacan. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade**. Tradução de M. Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GONÇALVES, C. S.; WOLFF, J. R.; ALMEIDA, W. C. **Lições de psicodrama: introdução ao pensamento de J. L. Moreno**. São Paulo: Ágora, 1988.
- HILFERDING, M.; PINHEIRO, T. **As bases do amor materno**. São Paulo: Escuta, 1991.
- HORVATIN, T.; SCHREIBER, E. (org.). **A quintessência de Zerka**: artigos de Zerka Moreno sobre psicodrama, sociometria e psicoterapia de grupo. Tradução Moysés Aguiar. São Paulo: Ágora, 2008.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino**. Rio de Janeiro: Imago, 2008, 2ª ed.
- KNAPPE, P. P.; ELISA, L. B. **A escultura na psicoterapia**: Psicodrama e outras técnicas de ação. Tradução Eliana Araújo Nogueira do Valle. São Paulo: Ágora 1999.
- LOURO, G. L. “Pedagogias da sexualidade”. In: \_\_\_\_\_. (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2007, pp. 7–34.
- MASCARENHAS, P. “Pontos de vista do diretor de psicodrama”. In: **Anais do II Congresso de Psicodrama em Águas de São Pedro**. v. 1, p. 376-382, 1999.
- MORENO, J. L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 2011, 13ª ed.
- MORENO, Z. T.; BLONKVIST, L. D.; RÜTSEL, T. **Realidade Suplementar e a Arte de Curar**. São Paulo: Ágora, 2001.
- NAFFAH NETO, A. **Psicodramatizar**: ensaios. São Paulo: Ágora, 1990, 2ª ed.
- POSSANI, T. **A experiência de ‘sentir com’ (Einfühlung) no Acompanhamento Terapêutico**:<sup>[11]</sup><sub>[SEP]</sub> A clínica do Acontecimento. São Paulo: Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2010.
- SAFRA, G. **A face estética do self**: teoria e clínica. São Paulo: Unimarco Editora, 2005.
- SEIXAS, A. M. R. **Sexualidade feminina. História, cultura, família**: Personalidade e Psicodrama. São Paulo: Senac São Paulo, 1998.

WECHSLER, M. P. F. **Relações entre Afetividade e Cognição: de Moreno à Piaget.** São Paulo: Annablume, 1998.

WINNICOTT , D. W. **O brincar e a realidade.** São Paulo: Imago, 1975.